O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—*ANTONIO SALLES*. *Gerente*—*SABINO BAPTISTA*.

ANNO II | Fortaleza, 1.° de Novembro de 1895. | NUM. 27

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre . . . 2$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

SUMMARIO:—*Os quinze dias*, Moacyr Jurema;—*Primeiro amor*, João de Deus;—*A primeira energia*, Arthur Theophilo;—*Historia vulgar*, C. Brunetto;—*Cartas Litterarias*, Rodolpho Theophilo;—*Ideal*, Livio Barretto;—*Bibliographia*, A. T.;—*Hymno da Padaria Espiritual*, Antonio Salles;—*Cabello branco*, Gomes Leal;—*Os sinos*, Cabral de Alencar;—*Antithese*, Augusto de Lima;—*Imprensa Litteraria*, Satyro Alegrete:—*Dia de finados*, Rodolpho Theophilo;—*Recados*, M.;—*Irmãs gemeas*, Lopes Filho;—*Archivo*:—*Noite de inverno*, Antonio de Castro:—*Carteira*.

Os quinze dias

E nada de cajús!

Pelos modos, não temos safra este anno, para desespero dos vinhateiros que estavam de vasilhame prompto para a colheita annual.

Caipora a nossa terra!

Nem café, nem algodão houve, nem cajús haverá, ao que dizem os entendidos.

Braços de menos, inverno de mais, eis a causa deste estado de cousas.

Que outros lastimem a falta de café e de algodão; eu limito-me a lamentar a falta de cajús—com que contava lubrificar a pêrra engrenagem da minha machina digestiva.

O que ainda me consola é que ha de haver cajús ao menos para o gasto.

Os senhores vinhateiros, que se arranjem com seus tonéis vasios: estando eu com a minha pansa cheia—é a conta.

Si se podesse encher tudo seria muito melhor, e nem outra cousa poderia eu desejar quando entre os fabricantes de vinho tem logar proeminente o meu bom amigo Redolpho Theophilo, cujos productos vinicolas o Caminha preconisou nas suas *Cartas Litterarias*.

Mas visto que o inverno não quiz que o Rodolpho engarrafasse as quatro mil duzias do costume, que ao menos tome eu algumas barrigadas do precioso succo, que, como a *genj*, concerta e endireita tudo.

Isto é, porém, apenas uma esperança, porque minha bocca inda está em jejum de cajú este anno.

As vendedoras querem os olhos da cara pelos chôchos e rachiticos cajús que trazem ao mercado.

Gosto muito de cajús, tenho plena confiança nas suas qualidades tonicas, nutritivas e ontras, que não vem ao caso especificar—mas não dou um tostão por um cajú nem á mão de Deus padre, nem que esse tostão seja o mais sovado e esfrangalhado dos cartões da Camara.

Por miserrimo que seja o estado de um desses cartões—é preciso não esquecer que elle é o desdobramento de uma rica nota do Thesouro Nacional, trocada n'um bonde ou onde quer que seja, e que foi a custa delles que se construiu aquelle altissimo pombal onde se abriga o novo relogio, cujas badaladas serão ouvidas, dizem, a 7 kilometros de distancia.

Representando o bronze do sino municipal o producto dos cartões emittidos pela Camara, e como bronze é o que bronze vale (isto se diz com o ouro, mas não importa)—segue-se que esses cartões são bronze para todos os effeitos, só lhes faltando tinir.

***

Tinindo andou a curiosidade publica ha dias com a descoberta de uma ossada humana, por occasião da reconstrucção de uma casa á rua do Senador Pompeu.

A policia, porém, não se deu ao trabalho de indagar qual era o nome, a idade e a condição da victima desse crime evidente, mas tão antigo que o seu autor, de certo, já o está pagando no outro mundo.

A policia fez vista grossa, e bem andou nisto:—pois valia a pena cançar-se a gente por causa de um punhado de ossos, já meio destruidos pela acção do tempo?

Fosse quem fosse—que Deus o favoreça, concedendo-lhe um logarzinho de primeira ordem no céo, em compensação dos dias de vida de que por meios violentos o privaram na terra.

Mas si o acontecimento nada rende sob o ponto de vista policial, póde render muito sob o ponto de vista litterario.

Aquella ossada anonyma e amorpha está a desafiar a penna de um rapaz de talento e de imaginação para a elaboração de uma novella sensacional, que poderia chamar-se—*O esqueleto*, *Martyr de amor*, *Fatalidade*', ou qualquer outro titulo deste genero.

Si os meus labores de chronista o permittissem, seria eu quem empolgaria essa gloria e—o que é melhor—esses cobres.

Mas não dispondo de tempo para tal fim (e é só tempo que me falta), concito os nossos bellettristas a aproveitarem o assumpto, garantindo-lhes pleno successo.

***

Pleno é que não foi o successo do meeting em prol de Cuba.

Poucas pessoas a elle compareceram, o que não impediu que se esgrimisse valentemente a palavra.

Como americano e como fumante, sou todo sympathias para com a perola das Antilhas.

E' desenganar-se a Hespanha—Cuba está ali e está a estrellar o pavilhão Yankee.

A formosa creoula estabanou-se com o seu senhor castelhano, jurou aos seus deuses pol-o no olho da rua, e vae cumprindo galhardamente o seu juramento.

O pobre Martinez Campos não tem podido corresponder á espectativa do seu governo e poucos louros tem juntado aos que lhe ornavam—não a fronte, que isso já não se usa mais—mas o peito, onde aliás poucos crachás caberiam ainda.

Em vez da fumarada balsamica dos bons charutos, o que se aspira hoje ali é o fumo mal cheiroso da polvora mortifera, e esta differença não é agradavel a ninguem, nem mesmo a um general da estatura de Martinez Campos.

Não ha coração americano que não pulse alvoroçadamente pela victoria de Cuba.

Na America do Norte, sobretudo, este interesse se tem concretisado em actos de protecção ostensiva, como o reconhecimento de belligerancia e outros que o proprio Eduardo Prado não taxaria de illusorios.

Hespanha de minh'alma, convence-te de que a tua pupilla já attingiu a maioridade, é uma mulher feita, capaz de dirigir-se por si e de governar-se sem auxilio de ninguem.

Abandona o teu papel de tutora rabujenta e gananciosa, deixando que a valente rapariga gaste o seu tabaco como melhor entender.

Nós por aqui somos todos perdidos por ella—tanto que já deixámos de lado a questão da Trindade para pensarmos exclusivamente na mais formosa joia do archipelago americano.

A's armas! não, quero dizer ás carteiras, pela victoria de Cuba!

Esses cartões que saiam!

MOACYR JUREMA.

PRIMEIRO AMOR

(D'uma virgem)

A JOAQUIM DE ARAUJO

O' Mão de minha mãe !
Explica-me o segredo.
Que eu, mesmo a Deus, sem medo
Não la confessar !
Aquelle seu olhar...
Persegue-me e recelo...
Presinto no meu seio
Erguer-se-me outro altar !

Ea, em o vendo, aspiro
Um ar mais puro, e tremo...
Não sei que abismo tomo,
Ou que ineffavel bem !
Oh como eu suspiro,
Em extase, o seu nome...
Que enygma me consome.
O' Mãe de minha mãe...

Lisboa.

JOÃO DE DEUS.

A primeira energia

I

Logo de manhã cedo, a porta do casebre, rangindo se abria, e sahiam para a rua o Liborio e a mulher,—muito lepidos, radiando,—o sapateiro a fazer as compras e beber a sua genebra, e a mulher a ouvir a missa do dia.

A's oito horas, á claridade morna da manhã, voltavam os dois,—o velho alegre, roliço, meio bebedo, com a sua cara vermelha e honesta a rir, muito escanhoada e gorda, o kilo de carne verde pendurado no dedo, as fructas sobre o braço e a ponta do cigarro amarello, molhada de saliva, agarrada aos beiços.

A's vezes a velha Paulina se demorava :— « tinha ido vêr o compadre Lino que andava muito mal da paralysia, o coitado. Fazia até pena vêl-o; só tinha a pelle sobre os ossos. »

E a voz da boa velhinha tremia toda, para explodir n'um inesperado choro de caridade, terno, de uma infinita ternura, sahido do intimo d'alma,—do misericordioso exercicio da sua crença mystica de devota.

O Liborio, preparando a linha de palmilhar, lambendo-a toda e retorcendo-a, nos dedos, replicava então bondosamente á mulher :

—Ora gente, deixa lá os outros que é melhor cuidar do almoço.

A velhinha, envolta toda—cabeça e corpo—no amplo lençol branco com pontas de cassa, o rosario enrolado na mão, esgueirava-se obediente pelo corredor fallando só :

—Coitadinho, o pobre de Deus !.

Mais tarde chegava o aprendiz—o Justino, com um ar de idiota, a cara balofa cheia de sardas, e o bonet de panno fino mettido na cabeça.

II

Começava então a tarefa quotidiana do officio.

. . . . . .

E lá-se o dia inteiro n'aquella labuta :—o Justino batendo a sola e o velho sapateiro a puxar a linha, assobiando, a face nedia lustrando de suor e a camisa de algodãosinho aberta, mostrando o tronco robusto coberto de cabellos brancos encaracolados.

Sentia-se um cheiro de cortume e sarro, e as moscas se agglomeravam no chão, poisadas pelas cusparadas.

Os meninos da visinhança, cavalgando páos, passavam ás vezes galopando e gritavam ;

—Eh ! jaburú ! remendão !

E o velho rindo, trocava tambem :

—Pelintras ! olá, cambada !

A' noite, o velho Liborio ia visitar a filha, casada com um quitandeiro bruto que a maltratava.

Quando a filha, em lagrimas, se queixava, o velho resignava-a.

—E' ter paciencia, filha, é ter paciencia.

E sahia com o rosto alegre, como se não estivesse soffrendo tanto pela pobresinha e pelo netinho que definhava cheio de vermes, a barriga grande e umas olheiras roxas e muito fundas.

Na volta, passava pela casa do major Lourenço, collector, e dava o cavaco :

Que o Manoel Soares andava cada vez peior ; até já batia na pobre. Não sabia o que fazer ; ás vezes temia que a sua paciencia se exgotasse. Era um pobre homem incapaz de rusgas, mas era pae...

—Você é um banana, deixe que lhe diga. Um termo de bem viver ao patife, homem de Deus.

—Eu já não sei o que fazer, meu compadre. E' um horror!

E despedia-se o paciente velho, pisando de leve com as servilhas de coiro de ovelha, obeso, cumprimentando a todos e o rosto muito vermelho, a rir.

III

Um dia a filha morreu de maus tratos.

O Liborio, vermelho de chorar, alisando os cabellos da defunta, idiota n'aquella terrivel desgraça, vellou a noite toda, muito carinhoso, muito terno :

—Ella era a luz dos meus olhos, repetia aos que entravam, e morreu minha filhinha, a minha unica filhinha. E o Manésinho tão pequenino e orphão... orphão o pobresinho ! Olhem : tão magro o bichinho e já orphão. Minha filha morta... morta...

E as lagrimas rolavam impetuosamente, molhando-lhe a face e cahindo-lhe nos beiços, cheias de travo e com um sabor forte de nitrato de prata.

Foi á tardinha o enterro. Chuviscava. Soprava uma brisa forte, bamboleando macabramente com os dobres do sino pelo espaço, trazendo-os ás vezes aos ouvidos do velho, agudos e vibrantes, e afastando-os outras vezes suavemente á proporção que a corrente da ventania ia fugindo.

Entrava pela janella o cheiro da terra molhada, misturando-se ao perfume da alfasema queimada e da cêra branca que ardia em tochas.

Atraz dos irmãos do Sacramento vestidos de opas vermelhas, seguia todo molhado de pingos de chuva vagarosamente, o caixão negro da defunta, desenhando-se nitidamente sobre o moirão preto a grande cruz de madapolão e o alvor triste das alças.

Torturava ao velho aquelle espectaculo : vêr passar á impiedade revoltante da garôa, o enterro da filha e ouvir, á melancholia d'essa tarde fria de Novembro, recortarem o espaço, lugubremente, as badaladas da campainha do Sacramento e o dobre augustioso do carrilhão da capella.

IV

N'uma terça-feira entrou pela casa do sapateiro a dentro o Raymundo sachristão, estafado de ardentia, extenuante da canicula.

—Mestre Liborio, como vae lá isso então ?

—Como pobre, Raymundinho como pobre...

—Já soube da novidade ?

Que não sabia.

—Pois não soube, homem ? O Manoel Soares, o descarado, estava de manceba em casa,—a Marianna. Uma pouca vergonha ! Pois não fazia ainda dois mezes que lhe morrera a mulher ?! E até constava que elle andava obrigando o filho a tomar a benção á *typa*. Um horror ! Uma pouca vergonha !

—Pois é lá possivel isso, Raymundinho ?

—Tão certo como dois e tres serem cinco. Aquillo nunca me enganou, mestre Liborio, nunca.

E sahiu apressado fallando da porta: Que ia ropicar o sino :—o dia seguinte era de Reis e havia missa de festa.

V

De manhãsinha o sapateiro vestio ás pressas o casaco de brim e foi á casa do Manoel Soares.

Na porta ouviu-o ralhando o filho:

—Porcalhão, não botes a farinha no café, amarello, papista. Tome á abenção á madrinha, empanturrado, ande, tome a benção.

O menino choramingava :

—Eu quero ir p'ra casa do dindinho... eu quero.

O velho não se poude conter ;—entrou como um raio, furioso, rubro de colera, espumando.

—Que era uma pouca vergonha, canalha!

A Marianna, o casaco de renda aberto, impudica, cynica, replicou ao velho :

—Ora, o jaburú velho, o tomate de vasante... Gentes !...

Mas não acabou, que o velho a havia desancado com um tremendo sopapo.

O Manoel Soares, espantado d'aquella brusca e inacreditavel energia tentava reagir contra a furia do velho que o esbofeteava e lhe rasgava a cara com as unhas, furiosamente, como louco.

Subitamente, voltou ao velho avô ultrajado a reflexão e agarrando o neto pelo braço nervosamente arrastou-o para fóra.

Tremia-lhe toda, vibrando de colera, apopleticamente, a carnação sadia e rubra das bochechas. Estava transformado aquelle hemem.

De fóra, caminhando, elle rugia alto:
—Desavergonhado, toma lá o ensino, fica-te ahi sem o filho, cão damnado.

E resmungava para o neto:

—Vae p'ra casa do dindinho, não é, filhinho? Eu lhe dou um carrinho... o dindinho tem uma coisa muito bonita para você, não é?

E beijava o neto, pela rua a fóra rumo de casa, molhado de suor, estafado.

Ceará, 1895.

ARTHUR THEOPHILO.

Historia vulgar

Ai, cegos... cegos de amor!

JUVENAL GALENO.

Um dia viram-se, amaram-se...
Um dia não, uma tarde,
quando o sol desceamba e arde,
fulgindo com mais fulgor...
Tarde dos tropicos, clara,
rutila tarde de amor.

A brisa do mar soprava,
fresca e branda, e confundia
o acre odor da maresia
com o cheiro dos bogaris;
pelas moitas verdejantes
davam ais as juritis.

Cantos de cigarra ao longe,
ao perto pipilos de aves,
e umas toadas suaves
pelos ares a echoar;
sombras placidas convidam
a dormir, a descançar.

. . . . . .

Foi assim, em tarde estiva,
que se encontraram sósinhos
della nos negros olhinhos
ardia intensa paixão,
e nos vivos olhos delle
de gozo ardia um vulcão.

Sósinhos, enamorados,
descançaram longamente
á sombra doce e virente
da mangueira secular...
E ainda lá descançavam
já alto e bello o luar.

Passaram-se tempos e elles
de descançar não cançavam:
dias e noites levavam
naquelle enlevo sem fim.
Mas findou-se o enlevo um dia,
porque tudo acaba assim.

Separaram-se. Chorosa,
de saudades lanceado
seu coração, triste fado
ella impreceava com dor...
Como acabou tristemente
o lindo idyllio de amor!..

Quando elle partiu, deixou-lhe
do terno affecto em lembrança
uns versos..'. Pobre creança!
tão mesquinho dote herdar
daquelle ingenuo abandono...
Fóra melhor nunca amar!

E não mais do amante ingrato
houve noticia ou memoria.

. . . . . .

Do tocante affecto a historia
Afinal resume-se, ai!
—numa mãe que morre á fome,
num filho que não tem pai!

Rio—1892.

C. BRUSETTO.

Cartas Litterarias

(Conclusão)

Isso tudo é muito bom de dizer debaixo de coberta enxuta, com o estomago cheio e a vida ganha. No milhão de testemunhas da secca de 1877, asseguro que o Sr. Caminha não encontra uma só que seja de sua opinião. Acredito que o meu critico assim pense porque assim disse na «Normalista» descrevendo o typo do emigrante.

E vejamos.

Mendonça era creador no alto sertão quando se declarou a secca de 1877.

Atirou-se á lucta com o flagello como um desesperado. Pelejou até ver estrebuchar a ultima rez no pateo da fazenda. Em Dezembro de 1878, sem esperar o inverno a começar em Janeiro proximo, e depois que tirou o couro da derradeira vacca, emigra para a Fortaleza. Vence a travessia, que era impraticavel pela falta absoluta de pastagem e agua! Mendonça *gordo e forte sem ter perdido uma gotta do puro sangue portuguez que lhe corre nas largas veias azues*, atravessa com a mulher e filhos, todos a cavallo, os torrados caminhos, e chegam sãos e salvos á capital, e tão alentadas estão ainda as cavalgaduras que passam a trote largo pelas ruas da cidade! Esta mesma travessia que foi para todos que emigraram um penoso Calvario, foi para Mendonça e a familia uma viagem normal! Traziam os alforges cheios de mantimento e dinheiro em tal abundancia, que sobrou para quando o chefe da familia se despedia da filha comprar para ella, *peças de chita, bordados, buginganga de bom gosto e mais uma maleta americana*.

A proposito dos cavallos de Mendonça contou-me um amigo uma historia que ouvi no Aracaty, terra do Sr. Caminha.

Um velho rico e viajado de volta de um passeio á Europa contava a um camarada as suas impressões de viagem:

—Em Allemanha, por exemplo, pondo de parte as maravilhas da arte e da sciencia, o que deveras me surprehendeu foi ver engordar cavallos com o vento!...

O amigo estupefacto pergunta-lhe por que logar do corpo era introduzido o vento nos animaes.

—Pelo ouvido, meu amigo, pelo ouvido!

—Ah, meu caro, pelo ouvido você está me introduzindo esta...

Está explicado pelo *systema allemão*, a gordura e o aleanto dos cavallos de Mendonça.

Pelo ouvido, repito eu agora introduzin no publico que lê muito pet i o Sr. Caminha nas paginas da «Normalista.»

Mendonça é um typo sui-generis e muito differente de Freitas, o typo legendario do sertanejo cearense.

O retirante do Sr. Caminha tem a habilidade de conservar a raça cavallar com individuos gordos e sadios nos mesmos campos em que o gado bovino morre de fome e sede! Emquanto Freitas na lucta com a secca perde quasi toda a carne do corpo e a paz do espirito, Mendonça *emigra tão forte e valente que mata a faca todas as cobras de cascavel que encontra em caminho* (textual.)

Os leitores dirão dos dous typos qual é o mais cearense, o mais real.

Outro defeito que o Sr. Caminha aponta na «Fome» é o abuso, que faço de termos e descripções scientificas.

Não duvido que a leitura quotidiana de obras de sciencia me tenha feito cahir n'essa falta, mas não a ponto de sacrificar em scenas que descrevo a esthetica dos quadros que pinto.

Quer o meu critico que eu chame *passarinha* em vez de baço, *dordólno* em vez de conjunctivite, *ar do vento*. *Aoe Maria*, em vez de hemiplegia?!

Não, Sr. Caminha, o modo de dizer deve estar de perfeito accordo com a cultura intellectual do individuo.

Eu nunca chamarei *passarinha*, do mesmo modo que o meu critico nunca deveria ter proferido a phrase—*que nem caracol*.

Critica o Sr. Caminha este trecho:

« O coração que a pouca densidade do sangue, a abundancia de *leucocitos*, tornara irregular e *tumultuosa*, os affligia com soffrimentos atrozes. A systole e diastole eram incompletas: accelerados os movimentos do motor da circulação, as valvulas funccionando mal, deixavam refluir em parte a onda sanguinea, já bastante redusida, determinando a anemia do cerebro. »

Antes de qualquer justificativa extranho o procedimento do meu critico, pois alem de transcrever erradas as palavras que vão em italico—leucolitos—em vez de leucocythos,—tumultuosa—em vez de tumultuoso, corta o periodo em uma virgula.

Leia-se a pag. 102 da «Fome» e se encontrará o final do periodo mutilado, que é este:

« causando vertigens, fortes zumbidos nos ouvidos, que os flagellava a todos os instantes. »

Eu procedi de modo diverso quando transcrevi alguns trechos da «Normalista,» fui escrupuloso até com as virgulas, que não consenti que mudassem de logar.

Da descripção acima, diz o meu critico, deprehende-se que eu amo as exhibições e desejo um logar entre os illustrados da terra.

Quanto ás exhibições, protesto, é contra o meu temperamento; quanto á segunda asserção declaro que prezo um logar entre os illustrados que a

do minha cultura intellectual um dia o permittir, a conviver com orelhudos.

Na descripção, que tanto inflamou o meu critico, não vejo essa abundancia de physiologia.

Descrevi os inchados do tempo da secca e para não dizer como o Sr. Caminha na Normalista a pag. 30—*Uma vez elle proprio Mendonça viu de perto a agonia d'uma mulher asphixiada pela elephantiasis, pernas inchadas, rosto inchado, ventre inchado, horrivel!*—procurei descrever os phenomenos morbidos que observava, mas em um estylo pouco mais decente, de perfeito accordo com a sciencia e com a sua terminologia.

O meu critico começa a historia da retirante inchada do mesmo modo que as velhas as historias de trancoso—Uma vez D. Carochinha encontrou D. Ratinho inchado dentro da panella, etc, etc.

A descripção que fiz dos doentes de anasarca não foi com o fim de alardear conhecimentos; outro foi o meu intento. O Snr. Caminha não o percebeu e nem podia fazel-o quem confunde *anasarca* com *elephantiasis*.

Essa mesma dyspnéa que o meu critico observou no seu inchado e que julgou asphixiado pela elephantiasis, eu tambem observei, mas dei-lhe a sua verdadeira causa.

Eu tive em mira estudar n'esses enfermos as desordens produsidas pela diminuição da densidade do sangue, as perturbações se estendendo até os orgãos da vida de relação sem haver uma lesão organica qualquer.

A anasarca, que grassou durante a secca, era uma enfermidade da miseria, uma consequencia da fome. E que cortejo de phenomenos interessantes e exquisitos ao mesmo tempo!

As perturbações da visão determinadas pela hemeralopia, tendo esta como causa a insufficiência da alimentação, são outros tantos phenomenos morbidos gerados pela fome, pela miseria.

Quantas vezes no começo da secca exprobei a falta de aceio dos famintos quando via-lhes a pelle coberta de sujas escamas!

Ignorava eu então aquelle phenomeno physiologico.

Seriamente impressionado com o aspecto repugnante da epiderme dos retirantes cheguei a mandar fazer a lavagem a sabão em um desses infeizes; mas qual não foi a minha admiração quando vi que os sujos lavores resistiam á acção do sabão e d'agua!

O Sr. Caminha no meu caso, com o saber que tem á physiologia e a tudo que é verdade, diagnosticaria logo, como fez com a *elephantiasis*,—uma finha retirante, devida a um microbio especial gerado pela secca e desenvolvido no pó das estradas.

Preocupado com tão extranho phenomeno consultei diversas obras scientificas, até que em bôa hora encontrei na « Physiologie Humaine » de Gustave Le Bon, a explicação do facto n'estes termos á pag. 68:

« La peau etait, jaune, semblable à un parchemin; l'exhalation, qui dans l'état ordinaire se fait sur toute la surface d'une maniére insensible, s'opérait dans ce cas par voie séche. Les pores du derme rejetaint une poussiére visqueuse qui, s'accumulant et se concrétant, recouvrait le corps d'une croûte noirâtre, pulvérulente et d'une fétidité horrible. Il n'est pas un seul praticien qui n'ait eu l'occasion d'observer ce fait. Souvent on attribuait cet état de la peau à la malpropreté, au défaut de soin; mais en y faisant plus d'attention, on était convaincu que c'était le résultat d'une alteration profonde des fonctions de l'enveloppe cutanée; car dans les localites dont les ressources permettaient d'envoyer les indigents épuisés à l'hôpital, on mettait ceux-ci vainement aux bains: a peine les lotions avaient elles purifié la surface du corps, que quelques heures suffisaint pour qu'elle fût de nouveau recouverte par le produit de cette sécretion anormale. »

Se procedesse assim o meu critico evitaria umas tantas descabidas, que se notam em seus livros.

Concluindo peço ao Sr. Caminha para ler a « Historia da Secca do Ceará, » dessa tragedia tremenda que teve por theatro a sua terra e minha, pois encontrará nella um farto manancial de factos extraordinarios todos devidamente documentados.

Fortaleza, Setembro de 1895.

RODOLPHO THEOPHILO.

Idéal

Menina e moça, a primavera em flor,
Um jardim de esperanças e de sonhos;
Dois olhos como o céo puros; dois sonhos
Polvilhados do risos e de amor.

Tem a meiguice da ave mansa; doce
E' sua fala: o olhar uma açucena
Alma de flor: de lyrio, de açucena
Qual si de lyrio ou de açucena fosse...

Menina e moça, o riso perfumado
Casto e lyrial da primavera em flor,
Riso de anjo; olhar de anjo, alma de flor...
E, um sonho em riso entreaberto, iriado.

Brotam-lhe os seios, cria formas, nasce,
Vai para a vida, tão mimosa e meiga.
Franzina e airosa, é tão mimosa e meiga
Inda com as cores virginaes na face!

Amo-a! Sonho de artista, eu a procuro
Extasiado em muda adoração!
Em minha muda e longa adoração
Adoro-a como o idéal de meu futuro!

1895.

LIVIO BARRETO.

BIBLIOGRAPHIA

Differentes, contos por Quintino Cunha—1895.

Acabo de lêr o *Differentes*, livro de estréa de um rapaz de talento, mas de talento por educar, insubmisso e reaccionario.

A gente lê o trabalho do sr. Quintino Cunha como quem lê um almanach, ou a variada gazetilha de um jornal: —há nesse livro estylos de todo o mundo, incoherencias visiveis de creação, desleixos de fórma, intenções ostensivas de assimilação; mas revela, a despeito de tudo, a energia forte de uma promettedora vocação.

Ao auctor do *Differentes* falta ainda a personalidade artistica a *maneira* propria de revestir as concepeção bizarras da sua creadora imaginação. E isto só com tempo poderá elle adquirir, si conseguir domar a impetuosidade de seu temperamento, muito pouco propensó á disciplina da Arte.

De entre todas as producções do livro em questão eu destacarei tres que se me afiguram bôas e que são affirmação da grande faculdade de assimilação que possue o autor o—*Amor maternal*, *Macalo* e *Historia de um passeio*.

Mas quanto a mim nenhuma d'ellas mostra ainda definitivamente a caracteristica do talento do jovem contista e nem por ellas se póde por emquanto avaliar e prever quaes venham a ser os processos litterarios a que se ha de submetter a sua imaginação opulenta e fecunda.

O que me atrevo a asseverar de ante-mão é que não será positivamente a imitação a decisiva manifestação do talento do sr. Quintino Cunha; a mim me parece que elle ha de ficar um escriptor novo e original, com audacias inscriveis de imaginação, fabricando lances phantasticos como os de Ed. Pöe, de mistura com o pessimismo idéalista de Schopenhauer.

Revela muita aptidão e grande somma de faculdades imaginativas o *Differentes*; nelle, porém, se encontram a cada passo defeitos inconfessaveis, —resultantes da intelligencia indisciplinada, e, sobretudo, da organisação reaccionaria do autor.

E nem se deve esperar perfeição e apuro num livro que, segundo me informaram, foi quasi todo escripto em casa do editor, entre camaradas alegres, na ancia infantil em que se achava o autor de publicar o seu primeiro livro.

Agradecendo ao sr. Quintino Cunha a fineza da dedicatoria do seu livro á *Padaria Espiritual*, eu lhe aperto a mão pela sua promettedora estréa.

A. T.

Irmãs gemeas

—Onde reside a Alegria?
Vem d'Alma, ou do Coração?
Eis o que a Philosophia
Pergunta, interroga em vão!

—Onde reside a Tristeza,
A doce irmã da Paixão?
Eis o que, todo incerteza,
O homem pergunta em vão!

No seio da Natureza
Eu as vejo noite e dia;
—Mora tão perto a Tristeza!
Mora tão longe a Alegria...

95

LOPES FILHO.

OS SINOS

Nos campanarios que se elevam interrogadoramente no espaço, esbatendo tristezas na macieza ridente das cousas diaphanas, formando nas transparencias do alto, ilhas esguias, tapisadas pelo clamor adormecido dos rituaes e das preces onde vegeta a severidade contemplativa dos templos, habitam elles os solitarios sinos, os bronzes feitos monges

Sobre as paredes que os agasalham se reclina uma concentração somnolenta e desgrenhada, traçando no sombrio de minhas impressões silhuetas de tedio, com esgares immobilisados, calmos de monotonia e de desconsolo.

Elles me apparecem esfumados de evocações, recordando-me dogmas e prophecias que se debruçam sobre os tumulos de minhas crenças, a chorar, no meio de uma serenata de interrogações inquietantes, diante da tenebrosa duvida, a edificadora de supplicios, a grande allucinada que vive no destiando pesadellos e angustias nas impaciencias de verdade, a conspirar contra as realidades fugitivas, a preludiar ritos de damnação nas torvas agonias do ideal, no silencio implacavel e negro do ignoto.

Todos os dias espalham festividades no ar livre, por entre tremulos rendilhamentos de retumbancias jovens que tinem na nervosa chrystallinidade de minhas sensações como uma resonancia de gargalhadas gigantescas.

Muitas vezes soltam no ar uma legião de sons lentos, embuçados em rythmos de soluços longos e de prantos, que improvisam nostalgias de moribundos no ouro translucido, impalpavel do sol, quando a natureza glorificada ri, n'uma plangencia funerea, afflictiva de pás deslisando sobre ossadas, semelhantes a uma symphonia macabra, destinada á cabalistica celebração ritual de um culto funebre.

Ao seguir o peregrinar de suas vibrações lugubres transporto-me para a abstracção e commungando uma espiritualidade luctuosa, vejo passarem entoando estrangulamentos de ais, sussurros de imprecações, as fatalidades da existencia, a turba livida das lamentações, a dor coroada de lagrimas, o infinito turbilhão das magoas.

E emquanto noticia soffrimentos, na vastidão do insensivel bailam orgias magnificas, resplandecem apotheoses gloriosas, harmonias heroicas, serenidades immortaes.

No assomar garrulo e claro da alva, na emigração pallida das sombras, quando a luz se ergue demanchando o seu berço real estofado de radiosos tons de marmore rosado, elles saudam a infancia do dia, executando murmurios feitos como para despertar crenças, laivados de simplicidades primitivas.

Uma suavidade estrellejada de enternecimento brancos, de reminiscencias vagas que me nirvanisam o presente, no evolar de sonhadoras rescendencias do passado, do passado onde vivem ajoelhadas as minhas recordações entre fumaradas thurybulares de chimeras desfeitas.

E as alegrias dos sons irisam-se nas nevoas de um horisonte emocional, coloridas de transfigurações e de scismas, clareando desdobramentos de scenas evocadas, que me deixam distinguir nas vaporisações da saudade ventura trahidas, idyllios desfolhados, paysagens lyrines de affectos mortos, toda a fugitiva caravana de apparições que impiedosamente se foram.

Elles atravessam de extremas unções e de psalmos a despedida das claridades tysicas, apunhalando o recolhimento das tardes agonisantes aquarelladas de tristezas, d'uma dolencia violacea de lilazes murchos, na hora em que na lividez crepuscular parece esvoaçarem hysterismos de S. Theresa de Jesus, quando o poente como uma chaga aberta no azul desgrenha-se n'um enraivecimento de cores arripiadas e sangrentas

No embevecimento de uma esperança de outros tempos, hypnotisado em presentimentos longiquos, eu os diviso, num deslumbramento de sonho, no além das éras, sobre as ruinas das religiões, envoltos n'uma desolação de idolos, abandonados, a presenciar com sua insensibilidade desafiante florescencias funestas de desequilibrios e de hysterias, mascarados de incertezas, rodeados de novas contemplações, traçando nos olhares miragens de antiguidades, inquietações do desconhecido, enclausurados n'uma mudez hieroglyphada de suggestividades enigmaticas, guardando sob o cantar das tradições uma cidade de dispersões invisiveis, habitadas por phantasmas de ruidos, de jubilos, de emoções extinctas.

Seculos assomam, seculos desapparecem e elles continuam impassiveis, abroquelados na sua eternidade, na ignorancia fria do inanimado, assistindo todos os rumores, as commoções, os tumultos, os bramidos da vida, o viajar de gerações para a inconsciencia da natureza, o desfilar de outras, visitados pelas andorinhas e pelo sol, affagados como por uma primavera de mysterio, atirando ironias á transitoria materia humana.

CABRAL DE ALENCAR.

1895.

Dia de finados

(NO CEMITERIO)

Festas á morte!.. no trevoso imperio
Tremulam galas, desabrocham flores!...
E tudo p'ra carpir os seus amores
Trazer o mundo vem ao cemiterio.

E passa a turba, que só tem de serio
Do traje as negras e tristonhas cores!
No rosto a masc'ra de pungentes dores,
Os risos disfarçando em ar funereo.

Mas o motejo não attinge á valla,
Só os marmores cobrem-se de gala:
E' a festa da vaidade, da riqueza, ..

Onde os restos dos pobres? ninguem sabe!...
Nem um cyrio, nem flores!... Não lhes cabe
O minimo quinhão d'essa torpeza.

(Das *Télesias*.)

RODOLPHO THEOPHILO.

Imprensa Litteraria

REVISTA BRAZILEIRA, fasciculo 18.— Mais um numero d'esta importante e criteriosa publicação fluminense, dirigida por José Virissimo, figura em nossa pequena estante. Como os anteriores está interessante e attrahente, exhibindo um avultado cabedal de boa prosa, da qual destacaremos a *Flor de Loetos*, primoroso trecho de Raymundo Corrêa. Tudo mais que opulenta as paginas da *Revista Brasileira* lê-se não só com agrado como com attenção, pois distrae e ao mesmo tempo instrue

—O CENACULO, fasciculo 6—Magnifico este numero da já acreditada publicação paranaense. Traz o retrato do Dr. Monteiro Tourinho e buriladas trechos de prosa e verso de Julio Pernetta, Leoncio Correia, E. Pernetta, Elyseo Montarroios, Dario Velloso, Silveira Netto e outros.

—REVISTA JURIDICA n.os 7 e 8.— Vai preenchendo satisfactoriamente os fins para que foi creada esta bella revista publicada na Capital Federal. Os dois ultimos numeros que temos presente são uma justificada prova das robustas mentalidades de que se compõe a Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

—REVISTA CONTEMPORANEA, numeros 17, 18 e 19.— Dia a dia vae esta sympathica revista se tornando cada vez mais interessante e attrahente. Esforços não tem ella poupado para impulsionar o movimento intellectual de Pernambuco, cuja evolução já se vai tornando bastante notavel. E para esse disideratum tem concorrido não só a boa orientação que lhe tem dado França Pereira e Theotonio Freire, como o concurso intellectual de Clovis Bevilaqua, Carlos Porto Carreiro, Paulo de Arruda, Miguel Barros, Demosthenes de Olinda e outros,

Dois bons numeros estes da acreditada revista pernambucana.

—A MADRUGADA, numero correspondente a Setembro findo.— Estampa os retratos do distincto republicano portuguez Alves Correia e do masculo jornalista e orador brasileiro José do Patrocinio, redactor chefe da *Cidade do Rio*.

Da collaboração litteraria destacamos duas bonitas poesias— o soneto *Diana*, de Julio Brandão, e uma harmoniosa quadra de Fernando Caldeira, —assim como um bem acabado trecho de prosa de Alberto Pimentel—*A Partida das Andorinhas*. E' pena que estas alludidas composições se achem misturadas com a prosa asnatica e pifia do celebre dentista Oscar Leal.

—PHENIX CAIXEIRAL, numero 52 e 53.—Os incansaveis rapazes da Phenix fizeram reapparecer o seu orgam na imprensa que se publicará de ora avante mensalmente trazendo as elocubrações que os intelligentes phenixtas compõe nas poucas horas que lhes sobram dos labores do commercio.

Os dois numeros que temos presente estão replectos de boa prosa e versos, destacando-se entre a collaboração poetica um magnifico soneto de Antonio Ivo intitulado —*Na Igreja*.

—A PENNA —Temos o primeiro nu-

mero desta revista litteraria e scientifica que acaba de apparecer nesta capital. Traz o retrato do Dr. Guilherme Studart e uma boa collaboração do Dr. Thomaz Pompeu, Annibal Theophilo, Marcolino Fagundes, Rodrigues de Carvalho e outros. Registrando o seu apparecimento auguramos-lhe um longo e brilhante tirocinio.

—

Temos mais a accusar a recepção das seguintes revistas: do Recife, *A Illustração*, n.º 16 e *Vanguarda*, n.º 7; da Bahia, *A Renascença*, n.º 34. *Sirius*, n.ºs 15 e 16, e *Revista do Norte*, n.ºs 13 e 14; do Rio de Janeiro, *A Opala*, n.ºs 1 a 7 e *Sirius*, n.ºs 1 a 6; do Paraná, *O Club Curitibano* n.ºs 15 e 16; do Maranhão, a *Philomatia*, n.º 1; do Pará, a *Palavra*, n.ºs 1 e 2.

A todos os collegas nos confessamos gratos, promettendo ser pontual na remessa d'*O Pão* de cada... quinzena.

SATYRO ALEERETE.

Hymno da Padaria Espiritual

(MUSICA DE ANTONIO RAYOL)

Em busca do templo d'Arte
Marchemos com santo ardor
A desfraldar o estandarte
Da Intelligencia e do Amor!

CÔRO

Luctemos, luctemos
Das lettras em pról!
As frontes ornemos
De raios de sol!

Dos aureos clarins da gloria,
Festiva, rebôa além
A voz que impelle á victoria
Os luctadores do Bem.

CÔRO

Luctemos, etc.

Sob esta amplidão profunda
Ergamos um branco altar
A' Arte que nos inunda
Com as bençãos do seu olhar.

CÔRO

Luctemos, etc.

Que a nossa ardente cohorte,
Na cruzada do Idéal,
Levante em terras do Norte
Padrões de gloria immortal!

CÔRO

Luctemos, etc.

22—10—95.

ANTONIO SALLES.

Cabello branco

Cabello branco primeiro,
Primeira nuvem no céo,
Primeira flor de espinheiro,
Primeiro amor que morreu...

Lisbôa.

GOMES LEAL.

Recados

O Sr. José Pacheco Dantas, de Ceará mirim (Rio Grande do Norte) escreve-nos solicitando uma assignatura d'*O Pão* e—o que é mais—o logar de socio correspondente da Padaria.

Pede-nos tambem o Sr. Dantas a publicação de uma «*litteratura*» que nos envia e que é a seguinte:

NOITE EE S. JOÃO

Offerecida ao brioso poeta Rio-grandense do Norte—Dr. Segundo Wanderley.

Em cada porta flammejante estava
Fogueira altiva no relvoso chão!
Em cada casa—festivaes delicias
No céo da vida s'elevava então

O silencio rude da cidade era
Só despertado por um tal clarão;
Pelo estalido divertido, e forte
Do buscapé que circulava o chão.

As moças iam procurar nos livros
A sua triste ceifadora morte;
Si era bello, s era rico ou pobre
O seu futuro; consultava a sorte.

E ai d'aquella qu'infeliz noticia
Sabe do livro, que compulsa agora,
Porque transforma na tristeza o riso,
E, pensativa, coitadinha chora,

A meia noute os rapazes seguem
Ao banho no rio, cujas aguas são,
Puras, suaves com'outr'ora consta
Serem as lymphas do vital Jordão.

Na face—espelho, que reflecte tudo,
Que se deslisa pelo coração
O riso impera; eu te saudo, bella,
Noite do grande Precursor JOÃO!

JOSE' PACHECO DANTAS.

Ceará-mirim—Rio Grande do Norte.

Ahi tem o Sr. Dantas em lettra de fórma o seu interessante trabalho, que estamos certos, será recebido com especial agrado.

Agora é o Sr. Dantas mandar-nos a lista das assignaturas que angariar, acompanhada dos respectivos cobres.

Quanto ao logar de nosso socio correspondente, nada podemos por ora resolver....

Em nossa proxima reunião, trataremos d'esta magna questão e lhe communicaremos o resultado.

Mas em quanto o pão vae e vem, vá o Sr. Dantas cumprindo o promettido dando-nos uma farta lista de assignaturas.

Uma mão (olhe que não é *uma mamão*) lava a outra... Portanto, mechase, Sr. Dantas!

—

E em quanto estamos com a mão na massa registremos tambem a recepção da seguinte carta, dirigida ao nosso collega Roberto d'Alencar:

Granja 10 de Novembro de 1895.

Sr. Redactor do Jornal *Pão*.

Saude e fraternidade lhe saudo.

Pesso-vos para dignar a receber este diminuto soneto a que nehei mais licito mandar para o vosso digno jornal *Pão*.

Do am.º obr.º

HORACIO LIMA.

O *soneto* do Sr. Lima é o que se segue e que publicamos com o maior prazer, na certeza de que com que elle muito folgarão os nossos leitores.

SONETO

A ROBERTO D'ALENCAR

ELIZA

Oh Eliza como és bella
Rutilante como o sol
Nas manhãs de Abril
Ao canto do rouxinol

Quando a noite te recolhes
Em que palpita peito meu
Em que silencio profundo
Cahistes nos braços d'Orpheu.

Eu vou tarde despedir-me
D'aquella ingrata formoza!
seu corpo tão delgadinho
Suas faces cor d'uma roza.

Oh Eliza quanto te amo
Que meu coração já dylira
Tuas faces cor de roza.
Teus olhos cor de Saphira.

Tenho por armas fortes
Papel penna e tinteiro,
Tenho por medico a morte
Tenho o coração por infermeiro.

Se outro te dezejasse
Na mais firme perfeição.
E que eu a ti amasse
No entre do meu coração.

HORACIO LIMA.

Apesar do seu saborzinho nephelibata, é primoroso.

Lamentamos apenas que o sr. Lima não nos prometta tambem algumas assignaturas.

Ainda assim, sr. Lima, mande-nos mais *sonetos*!

—

Arthur Azevedo nas suas *Palestras* d'*O Paiz* referiu-se menos lisongeiramente, comquanto delicadamente, aos *Chromos* de X. de Castro.

Increpem-me embora de suspeito, eu sempre direi ao Arthur que não estou de accordo com suas opiniões sobre esse livro.

Deus me perdôe! mas até quer parecer-me que o Arthur escreveu de outiva.

E' possivel que si o fino humorista d'*O Paiz* lesse com attenção (ou mesmo sem esta) os *Chromos*, não achasse graça, naturalidade e delicadeza nesses sonetilhos que são outras tantas pequeninas telas em que se copiam do natural scenas e episodios da vida cearense?

Pois olha, Arthur de minh'alma, essas pequenas peças humoristicas e descriptivas a que o autor deu o titulo

hoje genero de *Chromos*—são o que ha de mais legitimamente cearense. Não ha ali um traço nem um matiz que não seja authentico.

Podes dizer que o desenho não é correcto, não é artistico, não é parnasiano; vá lá, não t'o contesto. O colorido porém é admiravelmente exacto e bem destribuido.

X. de Castro não era um artista do verso, bem o sei; mas era um observador sagaz e delicado, tendo esse dom pouco trivial de apanhar a nota frizante e caracteristica de uma scena qualquer.

E a essa qualidade deve elle o successo que obteve, successo real, comprovado não só pelo prompto esgotamento da edição como pela soffreguidão com que foi lido o livro e commendado com enthusiasmo em todas rodas.

O que parece, Arthur, é que a tua longa permanencia nessa grande capital estrangeirada e incaracteristica embotou-te o gosto por esses productos da poesia nativa, singela e desataviada de requififes parnasianos.

Deve ser isso, porque eu, como provinciano e *cabeça-chata*—de mais a mais—gosto doidamente dos *Chromos*.

M.

Antithese

Monge da fé, martyr do pensamento,
Deixei o gabinete e os alfarrabios,
E, deserente dos mestres e dos sabios,
Fui á montanha interrogar o vento.

Nos desertos rolando o meu lamento,
Beijei a rocha e ensanguentei os labios;
Quanto aos mysterios revelados, sabe-os
Só quem m'os revelou neste momento.

De que me serves tu, verdade pura,
Si a phrase humana é tão mesquinha e obs- (cura
Quando busco arrancar-te ao mundo in- (terno?

Eis a fórma banal deste segredo:
«Has de passar» soprou-me o vento a medo,
E a rocha me bradou:—«Serás eterno.»

1895.

AUGUSTO DE LIMA.

Archivo

Temos recebido o seguinte:

—*Na defensiva*, commentarios á morte do Dr. José Marta, por *Justus*;

—*Impressões*; ensaios em prosa e verso do Sr. Luiz Pinto Pereira de Andrade, de Juiz de Fóra; (Minas):

—*Em prol da lavoura*, folheto contendo a serie dos bellos e criteriosos artigos que Garcia Redondo publicou n'*O Paiz* fazendo propaganda dos adubos chimicos para os terrenos de cultura;

—*Cenontologia*, ensaios de sciencia e religião pelo illustrado conego Ulysses Pennaforte, espirito adiantado e enriquecido por largo e severo estudo;

—*Caturité*, descripção e origem do pico do mesmo nome no Estado da Parahyba do Norte, pelo Dr. Irineu Joffily. Foi editado e destribuido gratuitamente pela *Revista Moderna*, do Recife, aos seus assignantes no dia de seu primeiro anniversario 25 de Agosto do corrente anno.

A todos os autores das obras enunciadas acima enviamos a expressão do nosso reconhecimento.

NOITE DE INVERNO

Noite de inverno fria e tormentosa:
Passa, gemendo, o vento... abro a janella
E olho: a estrada é deserta e tenebrosa;
Não scintilla no céo nem uma estrella.

E emquanto fóra a chuva murmurosa
Cae, e, mais forte, indomita, a procella
Brame e rebrame, sem cessar, furiosa,
Eu, só e triste, me recordo della.

Corre a noite friorenta, noite escura,
E eu, triste e só, sem ter a meiga e pura
Luz de seus olhos tão fagueira e bôa...

Só e triste, escutando a enrouquecida
Voz do trovão que, longe, amortecida,
Longe no espaço, se extinguindo, echôa

ANTONIO DE CASTRO.

CARTEIRA

MUSICA E THEATRO

Assistimos, domingo ultimo, no *Club Iracema*, a deliciosa festa que a sociedade *Auxiliadora dos Templos* promoveu em beneficio da igreja de N. S. do Patrocinio.

A primeira parte — concerto — foi muito bem executada e o publico applaudiu-a com enthusiasmo. Nella tomaram parte as Exmas. Sras.: Maria A. Queiroz Rabello, Julieta Cunha da Silva, Julieta Motta, Mimosa Viriato de Medeiros, Eulina e Elvira Pinho, Maroquinha Amaral, Rachel Amaral, Elvira Castro, F. Portugal, F. Maravalho, Alice Sampaio e Maria Pessôa.

A 2.ª parte foi a representação do drama *A Filha de Herodes*, producção da talentosa escriptora cearense D. Francisca Clotilde.

O drama foi desempenhado com talento, arte e naturalidade.

Todos os papeis foram bem interpretados e querer melhor, era exigir o impossivel; e demais o publico sabe que todas as que se empenharam para a boa representação do drama são apenas amadoras da arte dramatica. Tomaram parte no desempenho da peça as graciosas demoiselles: Zizinha Rodrigues, Laura Motta, Macsinha, Amelia Castro, Eulina Pinho, Virginia Correa, Laura Azevedo, Sarah Rossas, Maria J. da Silva e Elvira Hollanda.

Terminou a festa com o quadro—*As virtudes theologaes*.

Daqui enviamos nossos agradecimentos á sociedade *Auxiliadora dos Templos* que nos proporcionou algumas horas de prazer.

OS AUSENTES

No dia 19 do mez findo embarcaram para o sul os nossos queridos camaradas José Nava e Waldemiro Cavalcanti—o primeiro para o Recife e o segundo para a Capital Federal.

No dia 21 embarcou tambem o nosso presado consocio Almeida Braga, com destino a Manáos.

Profundas saudades em nossas almas o grande vacuo em nossas fileiras deixam os tres foraisteiros cuja ausencia é, felizmente, temporaria.

Que a aura da fortuna lhes bafeje a róta e os conduza em breve ás plagas cearenses.

CONDOLENCIAS

Muitas e significativas foram as provas de pesar que recebemos por occasião da morte do nosso inolvidavel companheiro Livio Barretto.

A Republica, o *Diario do Ceará*, *A Ordem*, de Sobral, deram sentidos artigos sobre o triste acontecimento.

A Mina Litteraria inseriu um voto de pesar na acta de uma de suas sessões, orando por essa occasião Leopoldo Souza.

No 7.º dia da morte de Livio mandamos resar na Sé desta capital uma missa a que concorreram todos os Padeiros e alguns amigos do inditoso poeta.

Do Pará recebemos um telegramma de pesames de Raul de Azevedo, e do Aracaty um outro de Fiusa de Pontes e José Bemvenuto.

A todos os que assim confraternisam com a nossa dôr enviamos a expressão do nosso profundo reconhecimento.

HYMNO DA PADARIA

O festejado tenor e compositor A. Rayol, em sua passagem para o norte da Republica, brindou-nos com um formoso hymno que compoz para a nossa associação, e para o qual Antonio Salles escreveu a lettra, que hoje publicamos.

Em uma de nossas sessões será por um grupo de senhoras cantado o formoso hymno, que já mandámos lithographar para tornal-o conhecido do publico.

COLLABORAÇÃO

Aos bons officios de Joaquim de Araujo, nosso correspondente em Genova, devemos a honra de publicar hoje a bella poesia *Primeiro amor* do eminente poeta João de Deus e *Cabello branco*, primorosa quadrinha de Gomes Leal, o festejado autor do *Anti-Christo*.

Ao nosso illustre consocio agradecemos effusivamente o mimo que faz a *O Pão*, que tanto se honra com o seu brilhantissimo concurso.

«OS BRILHANTES»

Acha-se concluida a impressão do 1.º volume d'este romance de Rodolpho Theophilo.

O livro terá uma bella capa desenhada pelo Sr. Paulo Cesar, intelligente artista da Lithographia Cearense.

Vae muito adiantada a impressão do 2.º volume.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tisica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia inconctestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECÇÃO ANTI-BRENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

— —

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relogios** para dades e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria européa produz de **mais fino e mais elegante.** A «ESTRELLA DO ORIENTE» avantaja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes nao se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no *AGUIAR*.

60, RUA MAJOR FACUNDO 60

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 36.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—*ANTONIO SALLES.* *Gerente*—*SABINO BAPTISTA.*

ANNO II | **Fortaleza, 15 de Novembro de 1895.** | **NUM. 28**

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARIO:—*Os quinze dias*, Moacyr Jurema,—*No Ceará*, Carlos Porto Carneiro;—*Que teria dito o Fritz?*, Bruno Jacy;—*Na matta*, Antonio Salles;—*A festa da liberdade*, José Carvalho;—*Introducção ás «Bucolicas»*, Sabino Baptista;—*Bibliographia*, B. J.:—*A****, Antonio de Castro;—*Aventuras do Zé Guedes*, Antonio Bezerra: *Sombras*, Rodolpho Theophilo;—*Album de estudos*, A. S.;—*Sobre o lago*, Avellar Filho:—*Archivo;*—*Imprensa Litteraria*, Satyro Alegrête:—*Carteira.*

Os quinze dias

N'uma quinzena como esta já vale a pena a gente ser chronista.

Basta o facto de estar nella incluido o anniversario da Republica para encher-a completamente.

Está ficando taludinha a nossa Rebublica—e em breve attingirá a phase da puberdade e a da consequente proliferação.

Como si não bastasse ao seu desenvolvimento a iniciação do governo civil, vêm agora uma reação monarchica congraçar-lhe os elementos e concentrar-lhe as forças.

Os sebastianistas, cançados de não fazer nada, aproveitam os lazeres da sua ociosidade festejando os annos do nosso ex-futuro imperador a salvas de champagne.

Entre as figuras do sport restaurador ha duas que são bastante sympathicas, palavra de honra.

Eduardo Prado e Affonso Celso, ambos ricos, talentosos e até bonitos, esforçando-se por espancarem os tédios da chatissima vida que se leva n'estes Brazis, divertem-se em fazer da antiga bandeira do Imperio uma bandeira de *starter* para dar signal de partida ás idéas anti-republicanas que alguns patricios occultavam no cucilhamento das suas convicções politicas.

E' um divertimento como outro qualquer.

A' guisa de programma das corridas restauradoras publicou Affonso Celso um pamphleto—*Aos monarchistas*, onde o advento do throno é considerado infallivel.

Mas o diabo é que o Affonsinho insinúa que se deve começar restaurando a monarchia para depois se cuidar da individualidade do futuro remante.

Pois olhem que eu sempre preferia que se começasse por este.

Como é que os homens que tanto discutem as individualidades da Republica pedem aos seus patricios para se baterem por uma causa que não se corporifica em uma individualidade cujo merecimento justifique o sacrificio que por ella se faça?

O occupante legal do throno seria a excellente matrona Condessa d'Eu, muito boa pessoa, muito boa *menagère*, e tão sympathica que até a gente lhe perdôa o ter-se casado com o Sr. Gastão de Orleans.

Mas esta senhora que tão bem dirige a sua casa, que sabe talvez pregar um botão e possue outras habilidades domesticas, tem de certo as mãos muito delicadas—mãos de princeza — para bolear o carro do nosso progresso.

Os seus filhos e sobrinhos são talvez rapazes intelligentes e talvez nem todos tenham o costume de raptar as filhas alheias, mas me parece que não dariam ao paiz a direcção magistral que dão por ventura a um phaeton, a um yacht de recreio ou a um cotillon.

Para aquelle fim, prefiro o nosso velho Prudente, e não seria eu quem recusasse ao Affonso Celso ou ao Eduardo Prado o meu voto para Presidente da Republica.

Hão de concordar os dous illustres e distinctissimos agitadores que o defeito capital do regimen monarchico é o direito de hereditariedade.

A arvore humana é de uma irregularidade desoladora na sua fructificação. De Napoleão o Grande sahiu Napoleão o pequeno, de Frederico o Grande sahiu esse pequenno Guilherme, que escandalisa o mundo com as suas diabruras de menino malcreado, e de Pedro de Alcantara sahiu a senhora Isabel a quem si outros requisitos não faltassem, falta o de ser homem.

Estes franzinos rebentos, mais mesquinhos e inviaveis parecem ao pé dos robustos troncos que os produziram.

E quando os povos têm a longanimidade de consentir que elles subsituam aos seus progenitores é para se darem ao trabalho de vigiar-lhes os actos, o que dá em resultado um governo de ficção em que a figura do soberano se annulla ante os talentos dos que o cercam.

Si Affonso Celso pai teve a felicidade de ter um filho como tem, si na familia Prado se contam as capacidades pelo numero de varões, nem todas as familias se podem gabar disto mesmo quando pertençam ao numero das que nascem com o sulco onde tem de assentar uma corôa.

Não fosse isto, e seria tolice fazer questão de forma de governo.

Que importa que o soberano se chame rei ou presidente sendo elle um escolhido do povo?

Gerarem os ventres reaes individuos que tenham de fatalmente governar os povos, possuam ou não intelligencia, honestidade e bom senso—é que não é compativel com o estado da humanidade de hoje.

A divindade em si já não gosa de muitos direitos—e como poderá ella concedel-os a pimpolhos que o acaso fez nascer principes?

Não, senhores, monarchistas, confessem que estão brincando.

Voltar ao antigo regimen é remar contra a corrente da Democracia, que, como todas as correntes sociaes, vem de longe e para longe vae—cada vez mais larga e mais impetuosa.

Falar em monarchia hoje é clamar no deserto, é remar contra a maré, é malhar em terro frio, é rolar a pedra de Sisypho, é fazer emfim todas essas cousas em que se perde o tempo e o latim.

Agora si os restauradores não tem mais que fazer, façam propoganda monarchista porque diverte e dá que falar.

E até indirectamente, é um acto de patriotismo.

O sebastianismo militante terá a mesma funcção da vesicula biliar no organismo humano

E a nossa Republica.— bem mal começada, valha a verdade— guerreada e fiscalisada, entrará nos eixos, e será obrigada enveredar pelo caminho de onde a tem desviado a indisciplina e a falta de patriotismo dos seus proprios soldados.

A França talvez não fosse hoje a for-

midavel potencia que todo o mundo respeita si os fieis do Duque de Orleans não lhe movessem a guerra surda e constante em que se empenham com uma pertinacia digna de melhor emprego.

Que venha o jornal do Sr. Last: o progresso que têm feito nestes seis annos as industrias, o commercio e as artes lhe proporcionarão opulentos recursos para manter-se.

Nós estamos precisando muito de um orgão de severa opposição e de critica vehemente para fiscalisar-nos.

Mas por Deus não fechem os olhos ás conquistas das novas intistuições, não queiram negar que o povo brazileiro já não é mais a multidão passiva e inconsciente, domesticada pelas sabias e manhosas mãos do senhor D. Pedro de Alcantara.

Os brasileiros são hoje um povo que briga, mas que pensa e trabalha.

Com Affonso Celso eu d'aqui clamo:
—Monarchistas a postos!

MOACYR JUREMA

No Ceará

AOS MEUS AMIGOS DA PADARIA ESPIRITUAL.

Sonhei-me no Ceará; e aqui descreco
A paysagem que vi, chegando ao porto;
Esta imagem mantem-me tão absorto
Como si me antolhasse n'um relevo.

Mar verde-claro... Qual cetaceo morto
Arfa o navio n'um etherco enleio....
Férve a espuma acolá.... Mas eu me atreco
A tomar a jangada... E as ondas corto.

Eis-me em terra. Percorro a casaria
Da Cidade da Luz. «A Padaria!»
«A prosa intelligente do Juremá!

Sinto-me leve... expando-me risonho...
Ledo a escutar (mas vejam o que é sonho)
O canto da jandaia de Iracema.

Recife, 12 de Outubro, 95.

CARLOS PORTO CARREIRO.

Que teria dito o Fritz?

E' muito natural que vocês não tenham conhecido o meu visinho Brown, um visinho excellente, podem ficar certos.

E' verdade que o meu visinho Brown quasi que não era meu visinho, ficando as nossas casas separadas pelo vasto pomar, pela estrada e mais ainda pela differença das nossas posições sociaes.

O meu visinho possuia muitas cousas que me faltavam, *verbi gratia*: uma bonita chacara, um bellissimo jardim, muito dinheiro, uma obesidade mais que regular, duas filhas muito galantes e uma creada ou aia que assistia com as meninas.

As duas filhas do meu visinho Brown tinham uma dois o outra cinco annos, e eu sempre tive queda pelas creanças. A aia era natural da Prussia, e eu andava doido por aprender o allemão.

E como as tres andavam quasi todas as tardes a passeiar pelas circumvisinhanças, não é extranhavel que eu, tendo então meus vinte annos, aproveitasse o ensejo para fazer festas ás creanças e exercitar-me praticamente no allemão.

A governanta, que dava pelo nome de Luiza, era uma rapariga muito nova, pequena de estatura, agradavel de feições, e desembaraçada nos modos.

Era um tanto roliça de formas, talvez em demasia mesmo; isso porem pouco importa a um rapaz de vinte annos, que está disposto a aprender o allemão.

Uma excellente creatura a Luiza. Não imaginam vocês a amavel condescendencia com que ella se prestava a ensinar-me sua lingua.

Ao fim de poucos encontros já tinhamos chegado á mais completa intimidade.

E era um prazer, acreditem, prolongar o passeio por aquelles arredores pittorescos e accidentados em companhia das tres interessantes creaturas, discorrendo e aprendendo.

Quando digo tres, êrro, porque seria de minha parte grave injustiça não mencionar o *Fânnor* — um enorme cão preto e cabelludo, que dava a mão a apertar, sério como um senhor encasacado, e ficava tomando sentido ás meninas, emquanto a Luiza deixava de impellir o carrinho da mais nova para me dar lições de allemão.

Difficilmente eu acharia um professor tão agradavel.

Expansiva e loquaz, ella contou-me sua vida. Era noiva; e emquanto o noivo completava o seu tempo de serviço militar, ella, para fazer um peculio se havia engajado por tempo correspondente, como aia de creanças naquella familia ingleza. Faltava-lhes pouco mais de um anno; então se casariam.

A's vezes me parecia que ella se empenhava em juntar o seu peculio com mais actividade e menos cautela do que era de esperar em uma noiva, e cheguei a perguntar-lhe si não achava que deveriam ser desagradaveis ao noivo as familiaridade que ella tomava commigo e, provavelmente com outros.

—Oh! não! Fritz não tem essas tolices!...

Achei muito bem entendido esse modo de pensar do Fritz, e calorosamente o applaudi fazendo minhas reservas mentaes.

Ella me fallava muito no Fritz e mostrou-me o retrato delle, com um formidavel capacete ponteagudo; mostrava-me tambem cartas, cuja calligraphia, não menos ponteaguda me ajudava a decifrar.

Decididamente o rapaz era predestinado ás cousas ponteagudas.

—E si tivesse de levar para a Allemanha um brazileirinho? perguntei-lhe de outra vez.

—Fritz o adoptaria, respondeu ella como si se tratasse de uma hypothese prevista desde muito.

Nesse momento redobrou a minha admiração pela magnanimidade daquelle grande homem que dava pelo nome de Fritz ao qual fiquei votando uma agradecida sympathia.

Não duraram porem muito as nossas lições.

Depois de ter passado muitos dias sem ver a Luiza, ella me appareceu muito triste e chorosa. Tinha as feições inteiramente mudadas, mas com um aceno me respondeu logo que não estivera doente. Fôra despedida, expulsa quasi e de que modo!...

Só então reparei que certas saliencias naturaes muito se lhe haviam accentuado e desenvolvido.

Ia voltar para a Europa no primeiro paquete; e, apesar da confiança que mostrava ter na longanimidade do Fritz, parecia-me bastante apprehensiva.

Nunca mais a vi, mas uma vez por outra ainda me lembro da roliça prussiana e muito gosto ficaria a quem me respondesse a esta pergunta, que então me occorre:

—Que teria dito o Fritz?...

BRUNO JACY.

Ceará, 1895.

Na matta

A GARCIA REDONDO

Como nos templos desertos,
No seio da matta existe,
Esparso em traços incertos,
Um vago mysterio triste.

Eu gosto ás vezes de andar
Sosinho por entre as arvores,
Que, como os silentes marmores
Dos templos, fazem scismar.

D'esse calmo isolamento
Meigo consolo resumbra,
E em deliciosa penumbra
Mergulha-se o pensamento...

Quando acaso a voz de uma ave
O casto silencio acorda
E' como em gigante nave
A vibração de uma corda.

Antigo fetiche informe,
Carcomido pelas eras,
Frio penhasco ali dorme
Entre o aconchego das heras.

Como uma voz que em segredo
Diz uma prece com magua,
Sahe gemendo um fio d'agua
Do coração de um rochedo.

Em todo esse templo immenso
Pairam mysticos olores
Que são as ondas de incenso
Do thuribulo das flores.

Ao alto, entre os arabescos
Das folhas, sorrindo á vista,
As nuvens desenham frescos
De uma belleza imprecista.

Qual fina tapecaria
De caprichosos lavores,
Se estende a reiva macia,
Toda bordada de flôres.

E, para mais esplendor
Dos ritmos da floresta,
Faz o sol de cada festa
Um cyrio de aureo fulgor.

De pé, em scismas absorto,
Sob a cupula do templo,
Eu sinto, em pasto o contemplo,
Um doce e estranho conforto.

Parece que a treva densa
Do meu coração se esgota,
E, linda e risonha, cahe
Sobre elle a aurora da crença.

Da fé a impulsos amores
Talvez e genuflectisse
E' uma oração proferisse....
Mas duas garrulas vozes

Vêm em rapidos adejos
Beijar-se ineito aos pés meus;
Como a dizer—é com beijos
Que melhor se serve a Deus!

9—10—95.

ANTONIO SALLES.

A Festa da Liberdade

A JOSÉ T. MARROCOS

As duas largas estradas reaes que acompanham o fertil valle do Cariri são ambas marginadas pelos innumeros sitios dos agricultores que formam alli um poderoso nucleo da população cearense.

Estendem-se, valle acima, até as fraldas do Araripe as casarias de habitação e de engenhos, alvas umas, vermelhas outras, e logo seguidas pelas casinhas de palha de palmeiras—rude habitação dos pobres *moradores*. Hoje são habitadas por homens livres; substituiram as choças dos escravos que outr'ora formavam ao redor da casa da Fasenda a misera senzala.

A liberdade aproximou o pequenino do grande e substituiu o chicote pelo salario doce e proficuo.

Um dos grandes sitios do brejo era da propriedade do Sr. Bentes, um velho sexagenario, calvo, de compridas barbas brancas. Suas feições bem accentuadas e resumbrando nos traços correctos e bem dispostos de seu rosto imprimiam-lhe um certo respeito, uma certa expressão de fidalguia caracterisada e augmentada por sua posição de senhor de engenho, rico e respeitado.

O Senhor Bentes era um velho vasado nos moldes antigos. Fora um grande proprietario de escravos e, como todos os velhos, era um monarchista convicto. Amigo enternecido do ex-Imperador, inimigo encarniçado dos republicanos, com tudo, muitas vezes, quando zangava-se com os trabalhadores, justificava a Republica...e dava a libertação dos escravos como causa immediata da quéda da monarchia.

—Semelhante crime, dizia, não podia ficar sem um merecido castigo.

II

Nos primeiros dias de Maio começara a moagem. A casa do engenho scondia ao aroma agradavel do mel e apurava nos grandes tachos de cobre fervidos na fornalha incendida todos os dias pelo fogo abrasador da lenha de catingueira.

No tendal, já se contavam muitos centos de rapaduras, grandes, alvas, cheirosas, muito boas e muito dôces.

Na *roda* do engenho, grandes *picadeiros* de cannas, nuas, amarellas, feitas em pedaços, ao pé das tres moendas de ferro movidas por duas juntas de bois, presas a uma das manjarras.

No *pasto* os bois mansos e gordos—que haviam sido soltos durante o inverno—rasgavam o *olho* verde da canna e depois ao meio dia, ruminavam a sombra do joaseiros como que tristes, pensativos e bons.

Os trabalhadores alegres, satisfeitos, desempenhavam o serviço entoando cantigas doces e repassadas de poesia e de amor.

Dos taboleiros vinham cantando os carros cheios de lenha e para os taboleiros voltavam ainda nostalgicamente cantando.

Um ruido delicioso de vida e de trabalho agitava todos os habitantes do sitio.

Pelas estradas os primeiros comboios do sertão começavam a passar.

O Sr. Bentes de calça e paletot, um grande lenço de chita na mão, fiscalisava todo o serviço.

Ia tudo muito em ordem, tudo muito bem dirigido.

A's 2 horas da madrugada, os dois homens encarregados de quebrar a canna davam começo ao trabalho e um rapaz somnolento, com frio, montado á manjarra gritava de instantes a instante aos bois que andavam morosamente, preguiçosos.

Rompia o dia e todos os depositos estavam cheios de garapa. Começava o trabalho do cosimento. Uma alegria jovial e communicativa reinava entre todos os trabalhadores.

Em baixo o brejo, prodigiosamente fertil, estendia-se opulento de seiva e de vida.

III

Uma bella manhã, o Sr. Bentes, levantou-se e não ouvia rumor algum para as bandas do engenho. Tudo silencioso, calmo: não se ouvia nem o conhecido grito do rapasinho tangendo os bois. O velho surprehendido e veixado correu até a grande casa da moagem e ahi não havia ninguem; eram 5 horas da manhã e nem um só trabalhador!

—O que era aquillo? inqueria o velho encanecido até os cabellos.

—Canalha! —Cabras desgraçados! um dia perdido! um grande prejuiso aquelle!

O velho Bentes inimigo acerrimo dos deportadores do velho Pedro II, tornava-se republicano naquelle dia e a Monarchia levou ahi uma chusma de objurgatorias cada qual mais poderosa, mais desaforada e mais philosophica.

—Este pobre paiz, nas mãos destes cabras absolutos, sem um freio, sem o chicote, decididamente vai ao abysmo.

—E' este, é este, o grande bem da abolição dos escravos!

Depois de muito haver fallado, discutido e prognosticado, ouvio um som de gritos distantes, uma voseria alegre para as bandas das casas dos moradores.

—Ah! comprehendera tudo:—era o samba do mestre Philippe!

—Estão bebados! estão todos bebados!

—Não havia que saber! era aquelle o resultado do samba ha tanto tempo fallado!

—Estão bebados! estão todos bebados!

—Canalha! repetia, o velho, cada vez mais enfurecido e despeitado.

IV

De facto, ha muito que era esperado o casamento da Maria, filha do mestre Philippe, a cabocla mais bonita de todos aquelle sitios. Depois de engeitar muitos casamentos e de fazer muito cabra perder a cabeça, fora sempre conquistada pelo Z'Barbosa, que entre a visinhança, gosava de uma importancia extraordinaria.

Aos domingos vestia uma calça e um palotot brancos e ia a missa todo repimpado, fazendo figura, em seu cavallo de sella.

—Pois, graças a Deus, tinha o que comer e um cavallo para montar!

A' tarde todos os conhecidos chegavam a porta do mestre Philippe, para acompanhar os noivos. Este *entonado* n'uma sob-e-casaca de panno fino, curta e desageitada, nunca se vira tão *lord* e a todos recebia prasenteiramente.

O terreiro varrido caprichosamente e espaçoso comportava todos os convidados que esperavam que a noiva acabasse *de se apromptar*.

A pequena casa estava cheia de mulheres n'um zum-zum ensurdecedor, e para traz, debaixo das latadas ferviam as panellas cheias de arroz e de gallinhas.

Ao lado fermentavam os potes de aluá.

—Viva os noivos! era o grito que se ouvia de instante a instante no chegar algum convidado que *riscava* no terreiro, orgulhoso e enthusiasmado.

Depois de tudo prompto no meio de —viva o noivos seguiu estrada a fóra para a cidade o grande acompanhamento.

A noiva marchava victoriosamente á frente da comitiva e era o alvo de todos os olhares por onde passava.

Depois do celebrado o casamento na Igreja, já a tardinha, voltaram no meio das estrepitosas aclamações.

Uma alegria immensa, indescreptivel reinava naquellas almas simples e felizes.

Estenderam-se as mesas e entre um prazer expansivo de felicidade e de amor serviram-se com a familiaridade inimitavel e graciosa do simples sertanejos.

Os dictos, engraçados as pilherias inoffensivas brotavam calorosamente daquella onda festiva e alegre.

V

Depois começou o samba. Duas violas afinadas, gemedoras, formavam a deliciosa orchestra onde palpita, estremece e sorri a alma sensivel dos filhos do sertão.

Ao som do *baião* caloroso e forte dansavam os rapazes e as raparigas n'uma faceirice engraçada.

Mais tarde dois cantadores prendi-

am a attenção dos convintes e as cantigas amorosas, simplices, ungidas de sentimento e de graça ajustavam-se ás melodias das violas:

« Menina, quando te fores
« Me escreves lá do caminho,
« Si não tiveres papél
« Nas asas de um passarinho!

« Da bocca faz o tinteiro,
« Da lingua penna aparada,
« Dos dentes lettra miúda,
« Dos olhos carta fechada!

O outro cantador querendo exceder ao primeiro em ternura e amor respondia com outras cantigas sentidas e doces como o coração popular:

« Dentro do meu peito eu tinha
« Duas pombas jurity:
« Uma morreu de tristeza
« De tanto chamar por ti;

« A outra mais infeliz
« Bateu asa foi embóra
« E lá no campo perdida
« Até hoje canta e chora!

Quando os dois cantadores das violas calavam-se para descançar um pouco ou tomar aluá, appareciam os amadores, os rapazes namorados que viam alli entre as mulheres as pequenas trigueiras, a sorrir, amorosas e ternas.

Vinham tambem botar a sua *lôa*: Então o Raymundo, que vivia sempre triste e respeitoso cantava:

« O' minha Senhora Dona
« De minha veneração
« Considere no seu peito
« Si eu lhe quero bem ou não!

Saltava o Vicente, um caboclo franzino, bem moreno, alegre toda a vida, engraçado e pilherico:

« Menina, teu pae é pobre
« Tua mãi; veste algodão
« Menina casa commigo
« Que eu te dou manda polão!

Outro que talvez não fosse da terra, que sentisse longe o objecto de seu amor, dizia cheio de saudade e tristeza:

« E lá vai o sol se pondo
« Em procura do meu bem!
« O coração só me pede
« Que eu bata os pés, vá tambem!

E nesse mavioso idyllio das violas e das cantigas amanheceu o dia.

Ninguem alli se importava que fossem ou não interrompidos os serviços do Sr. Bentes, e que contra todos cahisse o odio do patrão que mal nenhum lhes podia fazer.

Mais tarde, socegados, tranquillos, dormiam em suas pobres casas um somno reparador e feliz.

Eram livres!

VI

O velho proprietario passou o dia em recriminações injuriosas, em dissertações philosophicas, antevendo a ruina inevitavel da Patria entregue ao absolutismo dos cabras.

Nunca mais deixou de fallar nesto grande attentado, e quando tinha que referir-se directamente ao samba do mestre Philippe, chamava-o ironicamente — a *Festa da Liberdade!*.

(Dos Pertis Sertanejos)

JOSÉ CARVALHO.

Sobre o lago.

A SABINO BAPTISTA

Um joven par, em seu batel florido
Baloiça na onda...

RAYMUNDO CORRÊA.

Vae, como berço de anjos sobre o lago
Serenando a balandra
Dos Noivos... Um affago, um outro affago
Permutam. E' manhã; canta a calhandra
Rompendo o Azul; embaixo, os dois á tuna,
Rogam a Deus que os nunca mais desuna.

Desce vermelha e coruscante flécha
Do sol, e, em cima d'agua,
Estampa rubra placa, e não se véxa
De vêr que á Noiva causa tédio e magua;
E, mais que ousado, á bocca em flôr, o bruto.
Põe-lhe um beijo capaz de um escorbuto.

Zanga-se a moça... O noivo quasi louco
De Amôr por ella, assim a acaricia:
«Não foi nada... passou... recita um pouco...
Quero ouvir tua voz na poesia,
Voz de archanjo ou sereia,
Meiga, suave, gorgeiante, cheia.

Segue a balandra dôcemente — casca
De noz em pleno Como —
E, se não fôra médo de borrasca,
Iria, sem que os dois tivessem fôme,
Dias inteiros, longos e ditosos,
Pois Noivos alimentam-se de Gozos.

E ambos em dôce paz, cantarolando,
De meandro em meandro,
Percorrem todo o lago, recordando
Romeu e Julieta, Hero e Leandro,
Talvez. Mas com certeza um pensamento!
Borbulha-lhes na mente: o casamento.

Féra no Amôr e na Caricia pombo,
A cabeça no collo d'ella pondo,
O moço negligentemente, — zombo,
Diz, do Espectro hediondo
Da Morte, ó minha pulchra bem ama la!
E dá-lhe a bôcca para ser beijada.

Ella — medrosa, timida andorinha —
Beija-a, e aperta, no emtanto,
O Noivo contra o seio de rainha,
Duro, empinado, lactescente, emquanto
Jura que é d'elle, d'olle só, e o aperta
Com ancia tal, q' a Carne alfim desperta!

Volta a balandra. Os noivos voltam como
Quem sáe do Paraiso...
Elle — comera o prohibido Pomo:
Traz o Peccado n'Alma e ao labio o Riso:
Ella — ao Peccado não se oppondo, a porta
Abrira d'Alma á Excommunhão... que importa!

Petropolis — 1895.

AVELLAR FILHO.

AVISO

Pedimos encarecidamedte aos nossos assignantes do interior e dos Estados, que se acham em atrazo, o estimavel obsequio de mandarem pagar e reformar suas assignaturas ate o fim de Dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d'*O Pão* de Janeiro em diante.

Para este importante assumpto chamamos a attenção de nossos prestimosos correspondentes e agentes.

Outrosim: — prevenimos que, a começar de Janeiro de 1896, não atenderemos a nenhum pedido de assignatura que não venha acompanhadoda respectiva importancia. Fiquem, pois, avisados os nossos numerosos teitores.

BIBLIOGRAPHIA

PHONOLOGIA PORTUGUEZA. — *Luiz Cardoso* — S. Paulo 1895.

Quando se destribuia a malla de um dos ultimos vapores do sul, vi na mão do Moacyr Jurema com outros livros remettidos á Padaria uma pequena brochura intitulada — *Phonologia portugueza por Luiz Cardoso, precedido dos traços b ographicos do Dr. Antonio da Silva Jardim, pelo professor Fernando Martins Bonilha Junior.*

Apesar da extensão desmesurada do titulo, cresceram-me as vistas para o livrinho, e como tenho predilecção pelos estudos linguisticos, confisquei-o logo.

Phonologia portugueza! — Este titulo fazia-me prelibar a satisfação da leitura que ia fazer e eu já contava com a solução das questões mais transcendentes da phonetica.

Abri o livrinho mal me achei em casa e... oh! decepção!... logo na 2.ª pag. lê-se que — *os exercicios devem entender-se á pequenas descripções de objectos e mais tarde á narrações etc.* — certificando-me de que o Sr. Luiz Cardoso que se arvora em professor, ignora a funcção da crase e confunde a simples preposição *a* com a sua contracção no artigo feminino.

Mais adiante este pedacinho que está mesmo denunciando a mão de um professor: « Passando-se em revista as linguagens de differentes povos notámos destas semelhanças entre ellas, existindo entretanto entre uma e outra differenças sensiveis *as quaes não podem deixar de ser attribuidas senão ao meio*: clima, alimentação, etc. »

A' pag. 6 achamos a *divisão da linguagem em dois ramos* :— *Geral e Particular.*

Eu conhecia desde menino a distincção de grammatica geral e particular, sendo a primeira a que se occupa de factos geraes communs a todas ou

muitas linguagens, e particular a que se occupa de uma só linguagem; mas *linguagem geral e linguagem particular* é cousa de que nunca ouvi fallar.

Existe, é certo, uma linguagem geral, que todo mundo entende, por exemplo: um ponta-pé nas nadegas, um bofetão, ou um beijo, mas essa linguagem nunca foi nem será objecto de estudos grammaticaes.

A' pag. 7 diz que a *lingua* é composta de tres elementos: *sons, formas e construcções.*

Engloba assim a grammatica idéada pelo Sr. Cardoso, a *musica*, a *plastica* e a *architectura.*

Isto porém não seria um grave defeito e apenas impropriedade ou deficiencia de expressão, que não enfeiaria o trabalho do professor paulista.

Defeito mais grave notamos n'elle, e é que sendo uma obra didactica, em vez de instruir e corrigir, viciará ou confundirá a quem a lêr, pois concorre, graças á ignorancia do seu auctor para incutir ou manter certos erros a que propendem ordinariamente os alumnos.

Uma das cousas mais difficeis a um professor de portuguez é incutir no espirito do alumno uma noção perfeita da quantidade das syllabas, que, quasi imperceptivel em portuguez, difficilmente se pode distinguir da accentuação. O livrinho a que me refiro, longe de explanar a differença e definir e exemplificar com precisão, concorre para manter e augmentar a confusão, pois a cada passo elle mesmo incorre n'ella.

Falta-me espaço para apontar todas as falsidades e disparates que o Sr. Luiz Cardoso teve a habilidade de arrumar em tão poucas paginas.

Limitar-me-hei a indicar ainda algumas, sómente para dar uma idéa do valor do livro.

Tratando de *figuras da prosodia*, com a apherese, syncope, tmese, paragoge, diastole, dierese etc., inclue entre ellas a assimilação e dissimilação, fazendo assim duas graves confusões a um tempo.

Em primeiro logar figuras de prosodia são sómente aquellas que recahem sobre a accentuação ou quantidade (systole, diastole, dierese, e synerese, e, quando muito por ampliação, a synalepha e a ecthlipse pela modificação que trazem ao rythmo da poesia.)

Depois, a assimilação e dissimilação, assim como o abrandamento e a queda de sons, são factos expontaneos que occorrem na evolução da lingua, são obra inconsciente do povo e actuam sobre o vocabulo de um modo definitivo fazendo cahir em desuso a forma primitiva até perder-se inteiramente.

Os metaplasmas, as figuras de dicção (apherese, syncope, apócope, prothese, epenthese, paragoge, tmese, etc.) são ordinariamente de inicintiva dos eruditos, alterações feitas conscientemente para adaptar o vocabulo a um rythmo convencionado, e só affectam accidentalmente o vocabulo, que continuará em todo outro caso a conservar a sua forma propria, normal.

Iriamos longe apontando senões como este. Nada diremos das incorrecções orthographicas, indesculpaveis em um professor (LUGAR por *logar*; AUDICTIVO por *auditivo* etc.)

Limitamo-nos por ora a lamentar que até mesmo no culto e adiantadissimo Estado de S. Paulo, que tão bella pleiade de eruditos tem dado ao Brasil, ainda haja quem possa pela sua ignorancia infatuada exercer uma influencia tão perniciosa sobre a população escolar, merecedora de todo o zelo e protecção.

Mais entristecedora ainda é a convicção que temos de que não faltará um conselho de Instrucção Publica bastante *esclarecido* para mandar adoptar o livrèco do Sr. Cardoso nas escolas de algum Estado por ahi.

Concluindo, só nos resta protestar contra a inserção de uma tal biographia do eximio democrata e purissimo philantropo Silva Jardim, de pranteada memoria, no dis nratado livro do Sr. Cardoso.

Ceará, Outubro 1895.

B. J.

Introducção ás "Bucolicas"

A' MINHA MÃI.

A ti, querida mãe, que andas de mim ausente,
soffrendo a crueldade infinda d'esta ausencia,
eu te venho offertar, saudoso e reverente
da nossa velha aldeia esta reminiscencia;

A ti que ao meu pesar não és indifferente,
e sentes como eu sinto a tragica inclemencia
da Nostalgia atroz, que insana, inconsciente,
nos vai cavando na alma uns sulcos de dolencia;

A ti que me embalaste os dias de creança:
eu te consagro e off'reço esta grata lembrança,
—doces recordações, sentidas, melancholicas...

Acolhe-a, e com o olhar aclara o escuro trilho
da senda do Futuro ao livro de teu filho
que te depõe aos pés estas pobres Bucolicas.

(Das *Vagas.*)

Ceará—Outubro—1895.

SABINO BAPTISTA.

Aventuras do Zé Guedes

Continuava o Zé Guedes de caixeiro na livraria, e o patrão cada vez menos o sympathisava.

Mais de uma vez dando a este solução de alguma cobrança que por sua ordem havia feito, entrava por outro assumpto de conversa, e quando o velhinho dava accordo de si, interrompia-o logo e dizia: está bom, vá para o seu serviço.

O Guedes retirava-se rindo maliciosamente tomava o chapeu e sahia á cobrança.

Ia aqui, ia alli, e quasi em todas as viagens ia á casa, onde tinha sempre uma novidade que contar á mãisinha que se alegrava bastante com saber daquellas coisas.

Tinha elle o costume de espiar o interior das casas, demorando-se ou andando de vagar em frente a toda porta ou janella aberta, de sorte que surprehendia o que se passava no lar alheio.

D. Zefa dava gostosas gargalhadas quando o Guedes lhe referia que tendo parado á porta do Capitão Joao Gomes vira a senhora deste batendo-o com um cabo de vassoura pelo corredor á fora, de sorte que o páu já vinha rachado das pancadas, e que o capitão empurrara furiosamente a banda da rotula, e descomposera os meninos postados em frente da casa, exclamando um destes: está: se ha de se zangar com a mulher que o vinha *sabugando*, zanga-se com *nós*!

Em outra, occasião que vira o João Bento altercando com a senhora por motivo de ciumes, chegando até a atira-la sobre o sofá, de que resultou sobrevir-lhe uma syncope, e o marido buscando afflictivamente uma garrafa de Agua Florida para friccionar-lhe os punhos e a testa, passada a crise, viu-se que a pobre tinha sido untada com enxundia de galinha.

Em outra, que vira em casa do negociante Luiz Monteiro um moço, que alli se achava, aproveitando-se da pouca luz da sala, já quasi noite, dera um beijo na Maroquinhas, o que sendo visto pelo irmão, sujeito *achamurrado*, agarrara-o sem mais prerambulos pela abertura a com um pontapé no *assento* o tirara á rua, indo cahir o namorado na lama da sargeta.

Ainda em outra que presenciara briga tremendo entre o Dr. Roberto de Almeida e sua senhora, por não consentir esta que o Dr. castigasse um seu filho de 12 annos de edade que lhe tirara do bolço do palitot uma nota de 20$000 reis, e havia quebrado a cabeça de um pardo que o quizera pegar para ajudar o *Bumba meu boi*, e se havia recolhido á casa depois de meia noite.

O Guedes sabia de tudo, por que espreitava todas as casas, escutava em todas as janellas e demais fóra criado na rua.

Depois de muitas traquinadas, o patrão, não podendo mais supportar o Guedes, mandou-o chamar ao escriptorio.

O bom velhinho com a costumada amabilidade diz-lhe: Sr. José Guedes não precisando mais dos seus serviços, agradeço-lhe a coadjuvação que me prestou, e o dispenso de minha casa. Está aqui 38$700 reis, saldo dos seus ordenados.

O Guedes um tanto surprehendido responde com todo o respeito: eu não saio, não!

—Porque não sae?

—Porque eu estou muito bem aqui.

—Mas isso é que não me serve; não preciso mais dos seus serviços.

—Fico, embora o Sr. me recuse o ordenado.

—Já resolvi despedil-o.

—O Sr. tenha paciencia, eu não saio, não. Preciso do logar e sei bem que não acharei outro egual em parte alguma.

—Não é possivel; está despedido.

—Sr. Oliveira, por vida dos seus netos, que eu sei que quer muito bem, deixe-me continuar a ser seu empregado.

—Não me fale mais nisso; procure outra casa.

—Então não consente? eu estava tão bem aqui... não posso deixal-o...

—Obrigado...

—Si é pelo ordenado, o Sr. me dará o que quizer.

— Ainda mais essa! disse o velhinho enfadando-se; não tratemos mais desse assumpto.

O Guedes ficou um momento em silencio, tomou os 3$700 e retirou-se vagarosamente.

Na rua encontrou-se com um camarada, a quem contou a sua desgraça, e este tendo-o ouvido, exclama: vamos à casa do Antonio Varella que elle está precisando de um caixeiro.

Partiram.

Apenas falaram, o Guedes foi acceito com o dobro do ordenado que tinha tido até então, devendo entrar para o trabalho no dia seguinte.

O Guedes sahiu com o camarada doudo de alegria, e no caminho gastou os 3$7000 em cerveja, brindando-se um ao outro, este pela *santa* lembrança, aquelle pela felicidade *bruta*, como elle dizia de ter sido aproveitado tão inesperadamente.

Outros camaradas se reuniram aos dois, concorrendo aquelles com cerveja para novos brindes, e um delles os levou até a casa da familia, onde se recrearam fartamente, sendo-lhes servida excellente refeição.

Separaram-se afinal ás 9 horas da noite entre abraços e protestos da mais firme amisade.

Chegando á casa, o Guedes encontrou a familia do Coronel Barreto, que viera retribuir a visita que lhe haviam feito seus paes, e nesse momento D Sinhá executava ao piano um trecho de musica escolhida.

O Guedes depois de cumprimentar as pessôas presentes, dirige-se a D. Sinha, que acabava de sentar-se ao sofá, e com estranha intimidade diz-lhe rindo: venho de uma festa, minha senhora, onde comi bôlo como o diabo.

A moça olhou para uns e para outros sem saber a que attribuir aquelle disparate.

D. Zefa veiu salvar a situação, perguntando ao filho o que havia de novo.

—Fui desempregado da casa do Oliveira, mas em menos de meia hora empreguei-me em casa do Antonio Varella, patrão dos melhores pela sua bondade e fortuna. Agora sim, dentro em pouco tempo hei de ser grande e abastado.

—Deixa de *besteiras*, Zé Guedes, dizlhe a mãe; e elle continuva a dizer tolices que provocavam o riso, com surpresa do Coronel, que notara não terem os paes a força precisa para fazel-o calar.

O Coronel estava *cheio*, pois que desde que se sentara os pequenos Manésinho, Quinquim, Lulú e Tonho o haviam cercado attrahidos pelo brilho da medalha do relogio, e esta era puxada com tanta força, que por mais de uma vez esteve elle a ponto de despedir-se della.

A calça branca, que a principio delicadamente elle tentou desviar das mãos daquelles *Queirózes*, tornou-se dentro em pouco um molambo—de suja e amarrotada; e as botas, as botas tão bem engraixadas, já haviam perdido o lustro de se treparam sobre ellas e as estregarem com os pés.

A tudo isso assistiam indifferentemente o pae e a mãe.

Nada incommodava, porem, tanto ao Coronel, como as estocadas que o capitão Estevão lhe dava com o dedo indicador no peito, principalmente na cava do hombro, para prender a sua attenção, quando se animava na conversa, discorrendo sobre algum facto mais ou menos importante da vida cearense.

O Coronel procurava instinctivamente amparar com a mão a estocada, mas qual! que o capitão Estevão sem se sentir nem notar aquella disposição preventiva o *cutucava* noutro logar, a cujo choque o paciente quasi sempre se retrahia.

Era de mais: o coronel fez signal a senhora e se retiraram.

Ainda do lado de fora da porta soffreu o coronel diversas estocadas por despedida no offerecimento que de sua casa, e de tudo que era seu, fasia ao distincto militar.

Afinal separaram-se.

O Coronel ao dobrar a primeira esquina exclamou: Pra o diabo! nunca mais!

ANTONIO BEZERRA.

A' ***

Amo-te. Oh! não! Adoro-te, que é mais,
Ver-te eis p'ra mim a unica ventura;
Entanto em minha vida triste e escura
Jamais luziu o teu olhar, jamais.

Ouve: na rocha rispida não medra
Uma flôrsinha só, uma siquer!
Quem sabe? tens, talvez pobre mulher,
Dentro do teu peito um coração de pedra.

ANTONIO DE CASTRO.

Album de estudos

IV

O PAI ANDRÉ

Ah! que medo que eu tinha áquelle velho africano de tez pretissima e grandes olhos amarellados!

Bastava o seu nome para fazer-me correr um calefrio dos pés á cabeça.

E commigo teniam-no todos os meninos do povoado,— sobretudo os *papistas*, os que se entregavam ao vicio de comer barro.

O pai André espalhava em torno de si uma athmosphera de terror; no dia em que elle sahia a pedir as suas esmolas, a trefega meninada que sob meu commando assolava as casas e as pacienciais alheias se recolhia aos seus domicilios, e si os pais a mandava á rua, era como si a mandasse ao cadafalso.

Quando o pai André, no seu gyro de mendicante nos chegava á porta, com que medroso açodamento eramos portador da esmola com o fim de captar lhe as boas graças!

O preto velho não ignorava o seu poderio sobre os espiritos infantis e delle abuzava um pouco, ameaçando-nos sem que nem mais com mutilações e funções anthropophagas.

Nós acreditavamos piamente em todos esses horrores e vivianos sob a pressão daquelle tyranno que todos os domingos sahia do seu antro e entrava no povoado, arrimado a um longo bastão, de juca e trazendo á cinta uma grande faca de matto, que era para nós a espada da exterminação.

As mães, na ausencia de força moral propria, soccorriam-se ao prestigio terrorista do pai André, ameaçando os filhos com a delação das suas traquinadas e malcreações.

Nervoso e impressionavel mais que todos, eu tinha a obsessão daquella sinistra figura de preto velho, com umas tarripas brancas sobre a cara feroz e os melonhos olhos amarellados a rolarem lentamente nas orbitas negras.

A perda de grande parte da minha jovialidade devo ao pai André, que tantas vezes me fez suar frio e tremer como um doente de sesões.

Demais, costumava o pai André intallar-se na casa da velha Zefa—a confeiteira da terra. Nesse dia eramos obrigados a abster-nos de tapiocas, de bróas e de bolos de milho, e esta abstenção nos era tão dolorosa como o nosso pavor e o nosso recolhimento forçado.

Quando fui perdendo o medo ao pai André, entrei para a escola...

Uma infancia attribulada a minha!

A. S.

ARCHIVO

Temos hoje que registrar e agradecer a recepção do seguinte:

—*Revista do Instituto Didactico* numero 1 e anno 1, publicada na Capital Federal sob a direcção dos Drs. L. Duque-Estrada e Laudelino Freire;

—*Estatutos do Gabinete de Leitura Rio Branco* da cidade de Santa Rita do Passa quatro, Estado de S. Paulo;

—*Regulamento da Instrucção Publica* da Bahia, publicado pelo Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima, Governador do Estado;

—*Noticia Abreviada sobre o Montepio Geral de Economia dos Servidores do Estado*, contendo a relação dos membros da directoria e joias dos contribuintes.

—PROMPTUARIO CIVIL E COMMERCIAL, excellente trabalho de intelligente compilação do Sr. Luiz de França Almeida e Sá, actualmente inspector da nossa Alfandega, trabalho de grande utilidade para a classe da fazenda e para o commercio, que nelle encontrarão copiosas informações e solução de importantes questões que se suscitam constantemente na applicação das leis aduaneiras.

Sombras

A ANTONIO SALLES

(Agradecendo a dedicatoria de sua poesia—HISTORIA DE UMA LARVA).

Chrisalida a mim no outono
Da vida, em meio de dores!
Bem sabes que as borboletas
São seitaes, como os poetas,
E vivem do mel das flores.

E como dás-me esses pomos
Dourados, que o amor geron??
São seres p'ra primavera,
E de minha vida essa era
Ha muito que já passou.

Como acolher tua off'renda,
Poeta, como a guardar?!
D'seu sudario dourado.
Mas com seu véo de noivado
Para em jardins adejar.

Sahirá formosa ondina!
Que pena em vez de manhãs
Achar tardes estivaes
Em vez de risos só ais
A lamentar minhas vans!

Que pena, travesso inseto,
Em vez de flôr muito espinho!..
Chegares quasi ao sol posto
P'ra vires ver meu desgosto
Já velho, ao fim do caminho!...

Que pena! quanta saudade
Me fazes n'alma nascer!
Fria estar já esta lava..
O coração precisava
Tanto amor p'ra te aquecer!

Que pena! da vida o nectar
Ferida é hoje de espinho!
Eis o que o tedio do mundo
Tem com despreso profundo
P'ra o velho ao fim do caminho.

Alto da Bonança, 9 de Julho de 1895

RODOLPHO THEOPHILO.

Imprensa Litteraria

ARCADIA—fasciculos 1.º e 2.º—Publica-se mensalmente na Capital Federal sob a direcção dos Srs. Brito Mendes e Felix de Mello, contando com um avultado numero de collaboradores nacionaes e estrangeiros, entre os quaes ha verdadeiras reputações litterarias. Diz-se *Revista d'Arte* e declara no artigo-programma não ser interprete de nenhuma escola, «recebendo de braços abertos todo o bom, todo o purissimo Espirito da Arte, isto é, todo o talento, manifestado sob qualquer forma, qualquer que seja a escola.»

Perdoe-nos a nobre collega; mas as suas 32 paginas desmentem completamente tão alta profissão de fé.

Quasi todos os collaboradores registrados na capa da *Arcadia* e que firmam producções nos dois fasciculos que temos á mão pertencem ao grupo dos *nephelibatas da Thebaida*, grupo que tem uma completa negação a Arte, e que forma a seita dos Quintessenciado da Alta Espiritualidade, seara onde não penetramos por não comprehendermos palavra do riscado..

O primeiro numero da *Arcadia* traz um bom retrato de Olavo Bilac e o segundo um outro de Alberto Silva, o poeta das *Matinaes* e do *Incendio no mar*.

—MALA DA EUROPA, n. 33—Recebemos pela primeira vez a visita desta folha portugueza, publicada em Lisboa sob a direcção do Conselheiro Thomaz Ribeiro.

Traz este numero na primeira pagina o retrato do grande Pasteur e nas paginas centraes diversos retratos e vistas de homens notaveis e monumentos da Europa e Brazil. Agradecendo a distincta collega a honra da visita não podemos deixar de significar-lhe o nosso reconhecimento pelo modo lisongeiro com que acolheu *O Pão*.

—A RENASCENÇA n. 35—Suspende com o presente numero esta excellente revista bahiana a sua publicação. E' para lamentar que uma capital como a Bahia não sustente uma revista nas condições da *Renascença* que tão bons serviços ia prestando ás lettras patrias. Mas se em toda parte ha gente que gosta de ler jornaes sem os pagar....

—REVISTA CONTEMPORANEA, n. 20 Sempre interessante e attrahente esta bella revista pernambucana. Criteriosa na escolha das materias que publica offerece aos seus leitores o presente numero da distincta collega bôa prosa e bons versos.

—A PENNA, n. 2—Traz o retrato do Dr. José Lino da Justa e collaboração do Dr. Thomaz Pompeu, Dr. José Lino, Lopes Filho, Annibal Theophilo e outros.

—GALLERIA CEARENSE. 2—O retrato do Barão de Aratanha occupa a primeira pagina e nas outras tres, nitidamente impressas, firmam bem lançados artigos os Drs. Antonio Augusto, Th. Pompeu, José Lino da Justa e outros. Interessante e bem feito este numero da *Galeria*.

—

Temos mais que registrar e agradecer as visitas das seguintes revistas vindas pelos ultimos paquetes do sul e norte: do Pará *Palavra*, n.os 3 e 4, *A Centelha* (Cametá) n.os 1 a 5; do Maranhão *Philomathia*, n. 2; da Bahia a *Revista do Norte*, n. 15; de S. Pualo a *Instrucção Popular*, n. 1 e da Capital Federal o *Jornal Illustrado*, n. 12.

Temos tambem os ultimos numeros do *Don Quixote* e *Revista Illustrada* que estão na altura de qualquer elogio. Seria injustiça não mencionarmos aqui como um primor o bello quadro que a *Revista* traz do banquete monarchista realisado em S. Paulo.

Um bravo ao Pereira Netto!

SATYRO ALEGRETE.

CARTEIRA

Os BRILHANTES

Começou a ser destribuido pelos subscriptores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Theophilo.

A capa executada na Lythographia Cearense é um verdadeiro primor e a impressão, como tudo que sahe das officinas do Cunha Ferro, é esmerada.

Quanto á obra, é, como todos sabem a historia das luctas em que se empenharam Jesuino Brilhante e a sua gente com familias inimigas e depois com as forças do governo.

A opulenta imaginação do Rodolpho emprestou no quadro tintas de colorido vivissimo sem por isto descambar no inverosimil.

A individualidade do Jesuino Brilhante com todos os seus odios e sympathias, as suas idyosincrasias de doente, os seus assomos de generosidade, os seus golpes de audacia, os desvarios de faccionara—tudo foi cuidadosamente estudado à luz da psychologia moderna.

Mais de espaço, quando apparecer o segundo volume, faremos um estudo d'*Os Brilhantes* dando uma synthese das scenas capitaes e apresentando o perfil do protogonista, tal como elle foi estudado na bella obra do Rodolpho.

—

FALLECIMENTO

Está de lucto o nosso querido companheiro Sabino Baptista, pela morte do seu tio Antonio Baptista Guedes— um homem de bem, um trabalhador que só a morte arrancou à sua carteira de guarda-livros.

—

A NOSSA SESSÃO

Foi no castellete do Rodolpho Theophilo que se realisou a nossa ultima sessão.

Boa copia de trabalhos foi exhibida, lembrando-nos entre outros o conto—*Que teria dito o Fritz?* de Bruno Jacy, as *Aventuras do Zé Guedes*, de Antonio Bezerra, o soneto *Triste jornada*, de Antonio de Castro, os versos *Na oratta*, de Antonio Salles, o soneto *No Ceará*, de Carlos Porto Carreiro, etc etc. Que julgue o leitor do valor litterario destas peças, das quaes publicamos hoje algumas.

Foi admittido como padeiro correspondente em Manáus o Dr. Mello Resende, actualmente nosso hospede—moço de uma brilhante cultura litteraria e possuidor de outros bellos requisitos que tornam a sua acquisição uma conquista honrosa para o nosso gremio

Finda a sessão, Rodolpho Theophilo offereceu aos convivas uma delicada refeição, em que o consumo de iguarias—seja dito em honra nossa— foi inferior aos gastos de espirito (no singular, porque no plural não seria nada honroso...)

Antonio Bezerra deu a chave de ouro da festa narrando com a graça endiabrada e inexcedivel do seu talento de *causeur* algumas das suas impagaveis aventuras de rapaz, que elle continua a ser a despeito dos seus cincoenta e tantos janeiros.

Uma festa deliciosa, emfim, da qual só deixaremos de ter saudades, quando realisar-se uma outra que o Bruno Jacy está machinando e que, pelos modos, vai ser um encanto.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tisica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia inconctestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coraçao, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, giandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECÇÃO ANTI-BRENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facuo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarreza-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE OIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. **Relogi os** para dades e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas coninúa a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria européa produz de **mais fino e mais elegante.** A «ESTRELLA DO ORIENTE avantaja-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **bom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no *AGUIAR*.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 46.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—*ANTONIO SALLES.* *Gerente*—*SABINO BAPTISTA*

ANNO II. | **Fortaleza, 1.º de Dezembro de 1895.** | **NUM. 29**

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARIO:—*Os quinze dias*, Moacyr Jurema;—*Triste jornada*, Antonio de Castro;—*A mão da mulher*, Mello Rezende;—*Saudação a Natureza*, Antonio Salles;—*Pelo Sertão*, José Carvalho:—*Têlésias*, Rodolpho Theophilo;—*Plagios e Plagiarios*, Sabino Baptista;—*Psalmos*, Manoel Lobato;—*Livio Barretto*, Eduardo Saboya:—*Stephane Aliarne* Lopes Filho;—*Album de estudos* A. S.:—*Phases*, Livio Barretto;—*Aventuras do Zé Guedes*, Antonio Bezerra;—*Carteira.*

Os quinze dias

Não sei por onde comece a *plagiar* a resenha da quinzena.

Os assumptos, é certo, andam por ahi a rodo, mas não são de qualidade a tentarem um chronista que conhece o uso da agua fria, dos sabões, das esponjas e das escovas.

Pululam a esmo coisas sujas a que se torce instinctivamente o nariz, levando a elle o lenço onde trescalam duas gottas de *Iris blanc*.

O melhor que a gente faz é assestar um binoculo invertido para afastar de si umas tantas miseriasinhas que nos borram a perspectiva e nauseiam a pituitaria.

Parece que a nossa cidade, ao passo que se alarga materialmente, vai-se estreitando moralmente, de formas a assumir as mesquinhas proporções mesologicas de um logarejo mattuto com todo o seu fervilhamento de intrigas, de picardias e bisbilhoticices.

Os espiritos bem intencionados têm uma sensação de asphyxia neste meio ingrato e se predispõem á fuga com o açodamento de quem costeia um monturo empestado por um animal em decomposição.

Eu, que entre outras pretenções que nutro para regalo intimo e zanga dos que me não gostam, acaricio a de ser um espirito avesso a essas mesquinharias aldeãs,— sufoco, positivamente sufoco.

E dou graças a Deus quando passo um dia como o que passei domingo ultimo em Villa-Adelaide, a risonha vivenda onde o felizardo do Bruno Jacy se abroquella contra as torpezas urbanas entre os seus livros e a sua adoravel prole.

Sob a cupola do cajueiral, crivada pelas flechas de ouro de um magnifico sol, movia-se uma turba encantadora de senhoras, cavalheiros e creanças, numa alacre profusão de roupagens claras, num chilreamento crystalino de vozes joviaes.

As aves estavam um pouco desconfiadas com aquella invasão; mas, para não darem a asa a torcer, tomavam parte na festa soltando pios festivos por entre o emaranhado dos ramos.

As mezas pompeavam iguarias rescendentes, fructos de polpas tentadoras e garrafas de feitios diversos e diversos coloridos.

O rancho de convivas se dividia em grupos que se entregavam a recreações multiplas:—aqui diziam-se versos, ali cantava-se ao violão, alem contavam-se anedoctas, mais adiante assaltava se energicamente um perú alentado ou um flambre loirejante.

De casa chegavam ás vezes aos ouvidos dos circumstantes trechos de Gounod, de Jonciéres, de Bach e de Bendel.

De quando em quando a sala de visitas era invadida, e pares rodopiavam nos volteios de uma valsa.

Um dia para ser assignalado com uma pedrinha branca, como os dias felizes dos romanos.

Mas... tudo acaba n'este mundo, e á noite teve a gente de voltar para entrar de novo nos eixos d'esta dissolvente vida de cidade.

E a lembrança das boas horas do dia antecedente tornava mais aspera e irritante a volta ao ramerrão costumeiro.

Que tédio, Santo Deus!

E emquanto o meu charuto ardia entre os beiços ainda lubrificados do café matinal, eu me revoltava com a idéa de ser obrigado a ir palmilhar essas ruas monotonas, defrontar com physionomias sediças, onde, como o punhal de Caserio—disfarçado entre flores,—se disfarça a traição entre sorrisos.

E veio-me de novo a dyspnéa moral, senti um arrocho brutal na larynge da alma...

O Gesell, um bello cão de raça, um *retriever* de puro sangue com que me dotou a munificencia de um amigo querido, estirava-se a meus pés n'uma solemne indifferença por todos os plagios passados, presentes e futuros.

E' o Gesell um cachorro commedido, muito obediente aos meus acenos e muito sério. Nunca ri, mas não morde de certo. As poucas investidas que tem feito contra humanas canellas ou contra individuos da sua raça, fal-as de frente, ladrando alto, para que não se enganem com as suas intenções.

N'isto differe essencialmente de outros cães que aggridem as caladas, pelas costas e fogem sem dar tempo a que se lhes tire pello para curar ás dentadas.

Em quanto contemplava o meu fiel companheiro e fazia mentalmente a sua apotheose, o tempo corria, tornando cada vez mais proxima a hora de recomeçar a labuta diaria.

Foi então que mais intensamente se revelou a decidida e incoercivel vocação que tenho para millionario, para millionario nato, que se limita a gosar o que lhe deixaram os seus antepassados.

A vida, para os desherdados da fortuna, não passa de um presente grego.

Parece mais serviço de diabo cómo do que resolução divina.

Amor e Trabalho é a divisa cá de casa, mas só a adopto com restricções ao segundo termo.

Devemos trabalhar, sim, mas cada qual segundo os seu gostos e predilecções.

Eu, por exemplo, em vez de enfiar um paletot preto e umas botas para ir curvar-me das 10 ás 3 sobre uma banca de repartição, podia ficar á fresca em minha propria banca a plagiar versos, chronicas e outros generos litterarios.

A minha cachaça é isto, muito embora já se me tenha arrefecido o gosto de garatujar papel, depois que o *boato* fez sua entrada na litteratura.

Os boateiros litterarios em nada destoam dos boateiros politicos—têm a mesma impudencia, a mesma fertilidade e a mesma irresponsahilidade.

Si a gente tenta deitar-lhes as unhas, elles nos escorregam entre os dedos como muçú e da mesma carreira vão repetir adiante as mesmas pêtas, as mesmas calumnias.

Decididamente é preciso que se deixe esta terra litterariamente em estado de sitio para pôr cobro ás linguas damnadas dos boateiros.

.... E prosando, prosando cheguei ás nove tiras e ás nove horas, pelo que sou obrigado a fazer ponto afim de que o chefe da minha repartição não me feche o dito.

MOACYR JUREMA.

Triste jornada

A RODOLPHO THEOPHILO

Começamos a insipida jornada
Da vida inconscientes, ignorando
Que muito espinho iremos encontrando
Desta existencia pela longa estrada

Que além se estende immensa, desdobrada...
E, descuidosos, vamos nós marchando,
Seguindo sempre descuidosos, quando
Nada sentimos e nem vemos nada.

Depois... vêm as agruras do caminho.
Tantas urzes occultas, tanto espinho
Por onde vamos nos ferindo atôa...

Uns ficam no começo fatigados,
Emquanto os outros lá se vão, coitados...
Quem sabe? a morte é, muitas vezes bôa!

ANTONIO DE CASTRO.

A mão da mulher

(Revelação de um sonho em noite de verão.)

NO ALBUM DE MME. ALICE N. SALLES.

A minha amiga Guiomar, minha Senhora, contou-me um dia a historia de um sonho curioso que a accommetteu certa noite de verão no retiro bucolico onde costuma recolher, no periodo dos grandes calores, cada anno.

Os sonhos têm mysterios impenetraveis á curiosidade scientifica. A mais apurada intuição psychologica vacilla em face d'esses phenomenos ignotos e inexplicaveis, produzidos nas brumas do somno.

Não procurarei explicar o caso que vou relatar. Tenho bastante consciencia, ai de mim! da minha pobreza scientifica, e sobra-me bom senso burguez para aventurar-me a uma prelecção por ventura somente asada a uma exhibição pedantesca.

E depois, eu mesmo ignoro si sonho apenas foi, ou phantasia de romantica impenitente, amiga da blague e da gymnastica de imaginação.

Mas seja como fôr, a minha amiga que me perdôe a indiscreção de confiar a esta pagina tão branca, onde parece que a alegria sorriu, a confidencia com que ella me distinguiu, commovida, n'um dia de quebranto enamorado, á hora em que o sol no occaso espalha pelo espaço, com o seu ultimo olhar, as rôxas macerações da agonia da tarde...

Guiomar recolhera cedo, sem mesmo esperar que a Lua surgisse por traz da montanha que fecha o horizonte além com uma nota de chumbo. As estrellas coruscavam já no alto dos céos e a brisa vespertina vinha espalhando pelos ares a saudação nocturna das flores.

No campo a Noite vem cedo e impera por largas horas cheia de magestade e de vozes mysteriosas que o homem não entende. As estrellas, que fulgem despercebidas das cidades, têm mais fulgor sobre a vastidão das mattas sombrias, e palpitam na altura infinita como gottas aladas de luz, sempre prestes a largar o vôo em busca da terra.

Guiomar sonhou mal dormida ainda, que o genio das Edades a transportara ao Monte Inicial onde o Espirito Divino transmittira a Moysés as taboas da Lei. Millenios passaram sobre esta éra remota; mas a ensenação prophetica dos logares biblicos persiste a mesma no monte devoto que servio á entrevista de Deus com o homem. Uma luz mystica, feita da crystalisação do primeiro riso da aurora, illumina o monte santo. Pesa sobre as cousas um silencio concentrado de atonismo e de pavor, e o ar que se respira dá a sensação do vacuo!

A pobre Guiomar attentou o ouvido á espera que estruja a trombeta do Juizo Final.

Mas não é o som marcial da trombeta chamando os mortos ao ultimo julgamento que fere o seu ouvido attento; são os accordes doces de uma lyra antiga, cujo echo longinquo sobe do valle.

E sobe mais! e mais. A lyra apparece emfim fluctuando no ar, leve e sonora como uma grande ave.

Deslisa sobre as cordas afinadas alguma cousa semelhante a uma flôr de alvura extrema, a cujo contacto vibra o instrumento como o marmore de Memnon aos raios do sol.

Apurando a vista, pouco affeita á penumbra ambiente, Guiomar notou que o que a principio lhe parecera uma flôr, era uma mão,—mão de mulher onde brilhava um annel nupcial—a sua propria mão direita!

Mal curada do horror que lhe causára essa extranha revelação, acordou para o espanto maior: a melodia que a sua pobre mão decepada arrancava á lyra phantastica era uma balada macabra que penetrava a intelligencia fazendo-se comprehender sem palavras, e que dizia assim:

« Eu sou a mão da mulher!

Quando nasci, era uma pequena concha de nacar e rosa, onde mal cabia o beijo materno.

Depois cresci e adelgacei-me: sob o tecido fragil da minha epiderme creou-se a força que abate a juba dos leões, derroca e restaura Imperios, illumina a senda dos Heróes e rouba a vida aos tyrannos.

Nada escapa ao meu poder, feito de graça e da brancura das camelias reaes.

Holophernes e Marat tentaram contra a Humanidade, impulsionados pelos caprichos da nevrose sanguinaria: Judith e Carlota Corday levaram-me a aniquilal-os, mostrando que a minha força não estava somente na magia da minha propria fraqueza—era sufficientemente forte para dirigir o instrumento das reivindicações.

Por menores que sejam as minhas proporções, sou sempre bastante grande para conter um coração, que as mais das vezes se deixa estiolar ao meu calor, sem nunca dar por isso.

Arma de amor e de combate, obedeço tambem ao fatalismo indefectivel da finalidade organica: mas sempre nobre e sempre firme, traço no lar o arco-iris de paz e de bonança, d'onde chovem sobre a prole caricioso e meigas—as bençãos da Avó.

Findou ahi o sonho. A minha amiga despertou ainda assustada, experimentando o punho que julgava decepado. Notou, com viva alegria, que estava intacto, e a sua formosa mão, onde brilha o annel nupcial, longa e fina, occupava o logar que Deus lhe destinou para triumpho sem par da belleza e desespero dos que não a possuem.

Devia ser tarde: a noite ia alta. Pela vidraça da janella sobre o jardim o Setes-estrello, de uma nitidez anormal, espreitava enamorado o susto superticioso de Guiomar...

—Felizmente foi sonho, concluiu ella: mas sempre quero communicar-lhe uma suspeita que alimento desde então: estou quasi convencida de que aquelle grupo de estrellas curiosas baixou muito essa noite... para me vêr mais de perto.

Póde ser que a minha amiga tenha razão com a sua suspeita; mas infinitamente mais razão teriam as estrellas si realmente baixassem para vêl-a mais de perto...

A historia ahi fica. Só me responsabiliso pela fidelidade com que a reproduzi.

Mas, sonho ou phantasia romantica ella encerra uma verdade tão palpitante, que eu não teria a minima hesitação em subscrevel-a no todo.

MELLO REZENDE.

Ceará, 28 Novembro, 95.

Saudação á Natureza

Recitada em uma festa de campo Villa-Adelaide)

Oh! arvores amigas!
Meu dolorido espirito—curvado
Ao peso das fadigas,
Vem implorar abrigo ao perfumado
Docel das vossas folhas verdejantes,
Onde as aves modulam seus descantes!

Que o ar fresco e cheiroso
Que as vossas frondes sonorisa e agita
Me apague o insidioso
Serriso vesgo que em meu labio habita
E lhe enflore as exhaustas commissuras
Com o sorriso das placidas venturas!

Travessos passarinhos
Que andaes ruflando as asas pelo ambiente
E no frouxel dos ninhos
Beijos trocaes de uma paixão fervente,
Cantai-me uma canção q' alma me embale
E aos meus affectos brandamente fale!

Boa mãi, Natureza,
Acolhe-me ao remanso do teu seio
De uma austera rudeza
Mas de consolo e de piedade cheio
Para aquelles que os fados deshumanos
Afastaram de ti por tantos annos!

Mal sabes com que afan
Meu coração sedento te buscava,
E á luz desta manhã

Inundada de luz cantante e flava,
Como uma flôr, as pétalas vermelhas
Abre do Amor ás cápidas abelhas.

Sinto que se derrama
Dentro de mim a luz de uma alvorada
Ardente como a flamma
Que acconde os olhos da mulher amada...
Alvoresce em minh'alma Aves do amor
Threnos soltai de limpido clangor!

Deixem-me haurir fremente
Esta agreste bafagem campesina
E deleitosamente
Ver do céo a belleza peregrina.
Alto do céo de saphira, immaculado,
De altas nuvens argentinas broslado.

Na senda luminosa
A quadriga do Sol ingente rola;
Desfolha-se uma rosa
E ao seu lado um botão abre a corolla;
Succumbe o fraco e se levanta o forte
Na batalha sem fim de Vida e Morte,

E, oh Natureza, o arcano
Dos teus mysterios, tremulo, perscruto
E o meu peito de humano,
Como o penhasco, a flôr e o tronco hirsuto
Dos teus fluidos vitaes todo se inunda
Numa effusão de jubilo, profunda!

Como a existencia é boa
Aqui, sob esta cupula de ramos!...
Deixemos ir á tôa
O mistero batel em que singramos
Esto mar... Para que saber o norte
Quando o porto final é sempre a Morte?

Mas durante a viagem
E' rir e amar... Vivamos e gosemos!
Sirvam de marinhagem
Estes garridos pasaros; de remos
Sirvam ramos em flôr... Para os abrolhos
Sejam pharóes uns namorados olhos...

Audacioso nauta,
A ti me entrego, oh Natureza amiga,
E a minha mão incauta
De Anacreonte empunha a taça antiga
Para saudar o Amor, e ethéreo nume:
Que em seu poder o teu poder resume!

ANTONIO SALLES.

Pelo Sertão

NO TREM

Em um dos primeiros dias de Outubro, pelas 6 horas da manhã, o trem partia da Estação Central.

Manso, devagarinho, ao principio ia deixando ficar-se ás janellas os rostos pallidos das mulheres curiosas de vêl-o.

A carreira de instante a instante tornava-se mais rapida: as casas corriam para traz em um passo vertiginoso e a pallidez das moças curiosas se unia quasi com a pallidez da manhã.

O sol a pouca distancia ainda do horisonte era o thuribulo immenso que Deus suspendia vagarosamente com o incenso da vida.

A locomotiva ao transpor a derradeira casinha do suburbio despediu-se da Capital com um silvo prolongado, repetido, e este grito escapava-se do seu pulmão de aço, *estridulo*, cheio, como que acompanhado de uma satisfação intima, extrema, comprehensivel somente a do corsel indomito que se vendo livre dos freios e correndo em seu elemento relincha de prazer. — Era um desafogo

Os echos perdiam-se em todas as direcções.

O silvo da locomotiva, para mim, é de uma poesia incomparavel, grandiosa; parece-me sempre que n'elle ha alguma cousa de humano, ha um laivo das locubrações do espirito das gerações de muitos seculos e como que perceptivel, clara, sobresahe predominante a nota do genio de Salomão de Cau.

O ar parisiano da manhã tornava-se mais rarefeito com a velocidade da carreira; os pulmões dilatavam-se deixando a gente n'um bem-estar sadio, n'uma anciedade intima de receber impressões agradaveis.

A vasta campina de arbustos e cajueiros destendia-se á vista, circumscrevendo-se longe, muito longe, lá na cinta pardacenta dos horisontes.

O trem avançava victoriosamente como um genio de assombros rugindo, indomavel, deixando a terra tremendo á seus pés e as florestas do sertão humilhadas e vencidas.

O azul diaphano e transparente do céo casava-se com os tons desmaiados das campinas de Outubro.

Nos wagons, pessoas patricias sentadas, as malotas ao lado, olhavam pelas portinholas, fitando a vista, ao longe, em pontos que passavam rapidos, que eram substituidos ás pressas n'uma vertiginosa ondulação dos terrenos e das arvores.

Machinalmente lembrei-me de Iracema.

A formosa virgem dos «labios de mel» nascera «além, d'aquella serra que azula no horizonte!»

O espaço que alli se desdobrava fóra a patria da cabocla ideal—o gracioso mytho da nossa poesia selvagem. Aquelle mesmo céo indefinidamente azulle suave lhe servira de tecto, as mesmas rêlvas lhe foram o berço inacio e perfumoso.

Quem é filho d'esta terra—da terra do mar de liquida esmeralda—ha de sentir estremecer de intimas alegrias ao cahir no meio d'esta Natureza graciosa e louçã. Um mundo de sensações ignotas, incomprehensiveis, penetravam-me balsamicamente até os recessos da alma.

Parecia-me que a alma do poeta de *Iracema* derramava-se em torno, tão azul, como o azulado do céo; verde como as frondes das carnahubas e dos cajueiros e sussurrante como as brisas que passavam do mar,

* *

Um grito *gutural*, rouco, rebentou dando signal de parada proxima, e a carreira moderava sensivelmente. O trem passava em frente ao Asylo de alienados e no gradil das janellas estavam duas loucas insensiveis, indifferentes; os cabellos desgrenhados, os olhares impassiveis, como que repassadas de um magoado despreso pelo mundo, de um escarneo soberano e frio.

Desgraçadas creaturas diante das quaes toda a pindoseira humana se cala,

. . . . . .

Parangaba. Os poucos passageiros saltaram.

Para a Estação corriam todas as moças visinhas. Os meninos gritando annunciavam castanhas. Os versos do nosso delicioso e chorado poeta dos — Chromos — sahiam-me insensivelmente dos labios.

« Para o trem. Da villasinha
« Verde, risonha engraçada
« Vem p'ra beira da Estrada
« Toda a gente, alli visinha.

. . . . . .

Depois da indispensavel demora o horario partiu. Uma nesga da lagôa, appareceu, limpida, azul, transparente, onde se retratavam as arvores e o céo.

Como uma graciosa visão veio-me ainda ao pensamento a imagem de Iracema.

Parecia-me vel-a banhando-se na lagôa, entre os juncos e as jaçanans, núa, descuidosa, levando agua a cabeça com as pequeninas mãos unidas e concavas e... «toda rorejada de perolas.»

* *

Seguiram-se as massadoras demoras nas Estações seguintes. Sempre a mesma paysagem, a mesma florestação rasteira e ao longe os picos finos, desiguaes de algumas serras dispersas. O sol attingira a uma terça parte de sua carreira.

Fazia calôr, e a poeira era excessiva e incommoda.

Os rusticos trabalhadores da *linha*, vestidos de azul, perfilados, extaticos desenrolavam de espaço a espaço bandeiras brancas dando signal a passagem franca do trem.

A serra de Baturité, aproximava-se, estava perto como uma faixa verde e nitente.

Aqui e acolá a machina *berrava* apressada, desesperadamente, espantando os animaes que paravam ao trilho.

Partindo de Canôa o *horario* chegava ao Putiú.

Todos os passageiros n'uma asafama engraçada corriam para os hoteis emquanto seus lugares eram occupados pelos da *terra* que esperavam *prevenidos* em todos os *sentidos*. Eu que tambem havia corrido para o hotel, quando voltei, não mais achei desoccupado o meu *logarsinho* onde havia haurido tão boas impressões; e, confesso a bem da verdade e da originalidade de minha narração que de muito bom grado dispensaria esta *acentuada* que me obrigou a manter por muito tempo uma *resignação heroica*.

Com o estomago cheio, fatigado, ao principio indignou-me o procedimento do *serrano*, um individuo *mal-encarado*, de grandes bigodes retorcidos que occupando *minha* cadeira obrigava-me áquelle supplicio torturante. Tive impetos de colera, enfureci, antipathisei-o, quiz romper n'uma catadupa de objurgatorias.... finalmente

por uma boa orientação, talvez, lembrei-me que d'este modo estava de encontro com os principios de um rapaz republicano que sonha com a Liberdade e a confraternisação e que procura, pelo ideal, a grande verdade da igualdade e do amor.

Retrocedi e lembrei-me da grande maxima,unica que pode levar a humanidade ao aperfeiçoamento, unica compativel com todos os principios democraticos : « Querer para os outros aquillo que se quer para si. »

Resignei-me, portanto, satisfeito por me achar em harmonia com os principios de que me orgulho.

O sol pendera do zenith e uma fresca aragem precursora da tarde soprava brandamente por sobre os galhos desnudados das arvores.

As Estações mais distanciadas umas das outras, ao contrario das de Baturité para a Capital, mostravam a pouca densidade de população por toda aquella zona.

Mais tarde, uns grandes pontos pardacentos avistavam se ao longe : eram os grandes rochedos do Quixadá.

A desposição dos terrenos, a vegetação, tudo indica que as ondas do Atlantico, alli já cantaram a sua nostalgica e maguada canção, ou que já bramiram tambem furiosas, revoltadas pelo sopro do "Aracaty" que-viu, com o tempo, apesar de seu esforço, as aguas lhe fugiram precipetes fugindo ao seu latego e deixando-o só, raivoso, indomavel, a soprar violento na immensa praia, no vasto sertão.

Depois a terra se revestiu, cresceram os arbustos, levantaram-se as arvores e o "Aracaty" mais calmo, menos iracivo ficou soprando em horas certas do dia ; as arvores substituiram as ondas e elle sempre victorioso, e soberano daquellas regiões.

Depois de ter deixado atraz a Estação do Junco fóram estas as minhas reflexões.

Quando aquillo era mar, que horrivel devia de ser uma tormenta entre aquelles rochedos. Que boa, que caridosa foi a Natureza para com nosco?! Fasendo recuar a mar, quantos bens não nos trouxe e de quantos perigos não nos livrou ?!

Legou-nos tantas leguas de terra onde possuimos a riqueza pastoril e agricula, tanto gado, tanto café ! Que bens incalculaveis ?!. Substituiu a Companhia do Lloyd pela E. F. Baturité ; em logar de um paquete nos fez viajar n'uma locomotiva que é melhor, menos perigosa, mais segura,onde não ha enjôo nem perigo de naufragio. Que bom ! Que felises somos nós, os Cearenses ! E com tudo, não vivemos satisfeitos: ainda nos queixamos das seccas e dos governos ?!

* * *

O trem como que se achando pequenino, humilhado mas raivoso, cheio de colera, passava entre dous grandes rochedos-- gigantes enrugadas pelas lágrimas das chuvas e insoladas pelas ardentias do sól. Saltou uma porção de silvos agúdos, fortes, e, refreiado, fumegando, soltando do peito a grande *pressão* que o torturava, parou na pequenina Estação do Quixadá.

(Dos Perfis Sertanejos).

José Carvalho.

AVISO

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes do interior e dos Estados, que se acham em atrazo, o estimavel obsequio de mandarem pagar e reformar suas assignaturas até o fim de Dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d'*O Pão* de Janeiro em diante. Para este importante assumpto chamamos a attenção de nossos prestimosos correspondentes e agentes.

Outrosim : — prevenimos que, a começar de Janeiro de 1896, não atenderemos a nenhum pedido de assignatura que não venha acompanhado da respectiva importancia. Fiquem, pois, avisados os nossos numerosos leitores.

— —

Télesias

Das entranhas da terra emergem télesias
Ha seculos alli nas rochas sepultadas,
Sem um raio de luz nas faces lapidadas
Pelo cinzel do tempo : assim as harmonias

De minha lyra vêm, d'essas prisões sombrias,
Em o meu coração ha muito enclausuradas,
Como se o vacuo houvesse entre ellas, desterradas,
E o mundo, que se embala em doces melodias.

Surgem agora e vêm as minhas gemmas puras,
Que o tempo cinzelou das fibras de minha alma,
E foram lapidario a dor e as desventuras.

A luz quando tocar as facos do cristaes
Se em vez de de muito brilho achar só muita calma,
É que essas geumas são formadas de meus ais.

Alto da Bonança, 9 de Julho de 1895

Rodolpho Theophilo.

— —

Plagios e plagiarios

Dez longos dias tenho eu esperado pelas provas do meu supposto plagio denunciado por *Um Amigo* do *Ceará* em sua edição de 18 do corrente. Estas, porem, até agora, não dão signal de vida, pelo que faz crer que o meu accusador tem se visto em entaladellas para sahir-se da enrascada em que se metteu.

Logo que tive sciencia do crime de que era accusado, após a leitura do *Ceará*, sahi ao encontro do meu denunciante com o seguinte repto, pelo *Diario do Ceará* :

—«Publicou o *Ceará* de 18 do corrente uma local, com o titulo acima, na qual se encontram allusões calumniosas ao nome de Antonio Salles e de um outro *festejado* trovador cearense, cujo nome o noticiarista não deu a comprehender quem seja. Antonio Salles já respondeu pela *Republica* de hontem a parte que lhe diz respeito, e, como se propale á bocca pequena que o outro *gatuno litterario*, a quem o *Ceará* allude, sou eu, venho fazer o mesmo que aquelle meu amigo:—desafiar ao tal individuo para que sob sua assignatura prove o que fez publicar.

Uma vez que fui o provocado me assiste o direito de atirar ao meu accusador o seguinte repto:

—Exijo a publicação das poesias em questão, tanto a do Sr. Martinho Rodrigues como a que diz ser minha,com a declaração do livro e paginas em que se acham, ou nome dos jornaes, numero e data em que foram publicadas. Exijo tambem provas justificadas sobre a authenticidade e identidade da tal poesia por mim assignada; e exijo mais que sejam os ditos livros ou jornaes expostos em logar publico onde todos se possam certificar do meu *plagio*.

Não se avança uma proposição, qualquer que ella seja, sem bazes precisas para provál-a, portanto se o meu accusador não puzer a cousa em pratos limpos, com todas as minudencias aqui exigidas, dar-me-á o direito de tel-o na conta de um calumniador gratuito e mentiroso vulgar.—Fortaleza, 20 de Novembro de 1895.—*Sabino Baptista.*»

O publico que leu a denuncia a minha e depois o meu desafio esperou, como eu tenho esperado, pela exhibição das provas exigidas, mas estas nem sequer esperanças dão de si. Fez-se o mais completo silencio sobre o caso e o *Amigo* do *Ceará* não voltou mais á imprensa para *esmagar-me* com o seu libello accusatorio.

Não se justifica de nenhum modo semelhante demora para a confirmação de um facto, ha muito assoalhado em certas rodas litterarias desta capital, e cuja veracidade muito interessaria ao *amigo* do *Ceará* e ao grupo dos que fazem carga á minha reputação litteraria.

Uma vez, porem, que o meu denunciante não appareceu de viseira erguida assumindo a responsabilidade da sua asserção, responsabiliso a redacção do *Ceará* pela calumnia a mim atirada. Sobre ella ficará, pois, uma vez que não provou o meu crime, o peso das phrases com que terminei o meu repto.

—

Agora um addendo a proposito:

Tenho, como toda gente que se préza, inimigos gratuitos, e alguns delles bem mesquinhos, benza-os Deus. Assim, pois, não é para estranhar que tamanho silencio do *Ceará* e do seu *amigo* seja algum *tribofe* urdido contra mim.

Mais de uma vez têm os meus desaffectos lançado mão de meios pouco dignos para attrahir o ridiculo sobre meu nome. Um delles já se lembreu de escrever versos pifios em hespanhol e outros idiomas, e publical-os com minha assignatura,o que valeu um protesto de minha parte. Outro,—e não ha muito tempo.—já foi para o paleo do